

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XIII

AIRES BARBOSA

OBRA POÉTICA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

Coordenação Científica

A P E N E L
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos



A P E N E L

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL

DIREÇÃO

Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo,
Virgínia Soares Pereira, António Manuel R. Rebelo,
João Nunes Torrão, Carlos Ascenso André,
Manuel José de Sousa Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria João Padez de Castro

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

UA Editora
Universidade de Aveiro
Email: editora@ua.pt
URL: <http://www.ua.pt/uaedicoes/>

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

Coimbra Editora

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

www.artipol.net

ISBN

978-989-26-0552-4 (IUC)

978-972-789-381-2 (UA)

ISBN Digital

978-989-26-0617-0 (IUC)

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0617-0>

DEPÓSITO LEGAL

361131/13

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XIII

AIRES BARBOSA

OBRA POÉTICA

I- EPIGRAMAS
II- ANTIMÓRIA
[1495-1536]

FIXAÇÃO DO TEXTO LATINO
INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
WALTER DE MEDEIROS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

INTRODUÇÃO

I - DADOS BIOGRÁFICOS

I - 1. Terra natal

Entre os textos de caráter autobiográfico de Aires Barbosa, aquele que melhor exprime essa intenção é o seguinte epigrama de doze versos que integra a coleção de poesias saídas a lume em 1517 juntamente com o seu tratado *Prosodia et Orthographia* e que na presente edição figura como Epigrama 57 (cfr. *infra*, p. 160):

DE PATRIA SVA ET PARENTIBVS

*Scire uolet patriamque meam nomenque parentum,
Has quisquis nugas gaudet habere meas.
Nec diues multum nec paupertate notandus,
A notis quondam sed tamen ortus auis,
Fernandus Barbosa pater, Catharinaque mater,
A notis etiam, quae Figuereta, uenit,
Me genuere, furit uastis qua fluctibus ingens
Ultimus occidui litoris Oceanus,
Quaque habet Aueiro portu praediues amoeno,
Quicquid habet tellus et mare quicquid habet.
Non procul auriferi nostram hanc Duriique Tagique
Hinc illinc mediam ripa beata tenet.*

ACERCA DA SUA TERRA NATAL E DE SEUS PAIS

Quem quer que tenha gosto em conhecer estas minhas bagatelas
há de querer saber da minha terra natal e do nome de meus pais.
Deram-me a vida meu pai Fernando Barbosa, nem muito rico
nem infamado de pobreza, mas oriundo
de famosos antepassados, e minha mãe Catarina Figueiredo,
também ela proveniente de uma renomada família.

Deles nasci, lá por onde, em gigantescas ondas, se enfurece
 o extremo Oceano da praia ocidental,
 e por onde Aveiro, opulento pelo seu porto ameno, tudo retém
 quanto a terra tem, tudo quanto o mar contém.
 Não longe, de um lado a fértil riba do Douro, do outro a do Tejo
 de auríferas águas delimitam esta nossa que no meio fica.

Sobre a origem e os pergaminhos de nobreza tanto da família Barbosa, pelo lado do pai de Aires de Figueiredo Barbosa – Fernando Barbosa –, como da família Figueiredo do lado de sua mãe – Catarina Eanes de Figueiredo –, aos quais é dedicada a primeira parte deste Epigrama (vv. 1-7), vejam-se os comentários da anotação que acompanha a sua tradução no lugar próprio (vd. *infra*, p. 294).

No que toca ao lugar de nascimento, duma primeira leitura da segunda parte desta composição, versos 7 e seguintes, e da menção aí expressa do nome de “Aveiro”, parece poder concluir-se que Aires Barbosa “nasce na marítima Villa de Aveiro situada entre os Rios Douro e Mondego”, como deduziu Barbosa Machado¹, nesta expressão de maior aproximação geográfica, na sequência de Leitão Ferreira² e como o fizeram os subseqüentes biógrafos do nosso humanista. Mas a verdade é que a forma pouco precisa da frase e o contexto em que aquele topónimo aparece referido, mesmo tendo em conta o estatuto de liberdade e sugestão que assiste a toda a criação poética, permite fazer outra leitura e tirar conclusões diferentes, que apontam para a antiga vila de Esgueira, hoje contígua àquela cidade.

Com efeito, o advérbio latino de lugar *qua*, resultante de expressões ablativas (interrogativas ou relativas) do tipo *qua uia* (“por que caminho” ou “pelo caminho em que”, “por que via” ou “pela via em que”), *qua parte* (“por que parte” ou “pela parte em que”, “por que região” ou “pela região em que” etc.) e outras semelhantes, recebeu delas esse mesmo sentido de espaço alargado e indefinito. Daí, podermos traduzir a anáfora *Qua ... quaque* por “Lá por onde ... e por onde”.

De resto, tais expressões indeterminadas são as mesmas que o poeta latino Horácio utiliza para mencionar a sua terra natal, Venúsia, onde espera ser celebrada a sua memória de poeta consagrado pela posteridade, numa região italiana entre a Apúlia e a Lucânia e banhada pelo rio Áfido (hoje Ofanto), caracterizado pelo seu curso rápido e violento, a cerca de 25 quilómetros daquela vila.³ De notar

¹ Vd. Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, 21965, p. 76. [1ª ed., Lisboa, 1741].

² Vd. Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra [...]*, Coimbra, por ordem da Universidade, Primeira Parte, 21937, p. 432. [1ª ed., Lisboa, 1729].

³ Vd. Horácio, *Odes* III, 30, 10-12: *Dicar, qua uiolens obstrepit Aufidus / Et qua pauper aquae Daunus agrestium / Regnavit populorum ex humili potens ...* (“Eu hei de ser cantado lá por onde estrepita o violento Áfido / e por onde o Dauno, pobre de água, de humilde / tornado poderoso, reinou sobre povos agrestes...”).

que Horácio não cita o seu afluente, que detém o mesmo nome da cidade de Venúsia e passa mesmo a seu lado, porque o principal ponto de referência geográfica era o rio mais conhecido, o Áufido.

Do mesmo modo Aires Barbosa não cita expressamente o nome concreto da sua verdadeira terra natal, a antiga vila de Esgueira, situada a nordeste e a cerca de dois quilómetros do centro de Aveiro, antes evoca esta cidade e os rios Douro e Tejo como seus limites, apesar de bem longínquos, e não o rio Vouga, que junto dela desagua, precisamente por Esgueira ser desconhecida para um habitante de Salamanca – onde o poeta publicou os epigramas –, e os dois anteriores serem rios internacionais bem sabidos de qualquer leitor ibérico, o que não acontecia com o Vouga, um rio apenas lusitano.

Além disso, aquela forma de indicação geográfica era, pelos mesmos motivos, muito corrente nesse tempo. Um bom exemplo dessa prática é o que nos dá o antigo aluno e depois grande amigo de Aires Barbosa, o humanista André de Resende, na sua biografia de Frei Pedro, porteiro do Mosteiro de São Domingos de Évora e natural da freguesia de Aradas, sita precisamente na orla de Aveiro do lado oposto a Esgueira e também à distância de uns três quilómetros do centro desta mesma cidade. De facto, ao explicar as razões que o moveram a dedicar a dita biografia “À Ilustríssima Senhora, a Senhora Dõna Juliana de Lara de Meneses, Duquesa de Aveiro”, Resende aponta entre elas o facto de “ser este santo religioso natural da vossa vila de Aveiro”, naturalidade que o mesmo autor identifica de forma mais precisa nas primeiras palavras do Capítulo I daquela biografia – “Foi Frei Pedro natural do termo da vila de Aveiro...” – mas, mesmo assim, sem mencionar o topónimo de Aradas.⁴

Enfim, a evocação de Aveiro feita por Barbosa no epigrama autobiográfico acima transcrito não significa, pois, só por si, que ele fosse natural exatamente desta cidade.

Por outro lado, é sabido que a linhagem dos Figueiredos, uma das mais antigas da Península Ibérica, de quem descendia Aires Barbosa pelo lado de sua mãe, Catarina Eanes de Figueiredo, identificada no mesmo epigrama, se havia fixado em Esgueira pelo menos desde Gonçalo de Figueiredo, que aí casou e que os genealogistas registam como sendo seu pai e, conseqüentemente, avô do nosso humanista. Vejamos os dados que sobre tal filiação nos fornece Cristóvão Alão de Moraes (desdobrámos as abreviaturas e atualizámos a ortografia):

“G[onçalo] de Figueiredo f[ilho] 3º de G[onçalo] de Figueiredo e irmão de Luís de Fig[ueiredo] casou em Esgueira [...] Este G[onçalo] de Figueiredo chamar[am] o

⁴ Vd. André de Resende, *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro, Porteiro do Mosteiro de São Domingos de Évora*. Edição fac-similada do único exemplar conhecido acompanhada de transcrição, introdução e notas por Serafim da Silva Neto, Rio de Janeiro, [1947?], pp. 94 e 102. Sobre Frei Pedro, vd. Amaro Neves, *Frei Pedro Dias, o “Santo de Aradas” – Santo de Aveiro*, Aradas, Junta de Freguesia de Aradas, 2009.

Corredor dos Cavalos por ele o fazer bem: for[am] seus f[ilhos] e outros dize[m]
q[ue] irmãos

Jorge de Figueiredo

O D[out]or Martim de Fig[ueiredo] solt[eiro]

C[atarina] Eanes de Figueiredo m[ulher] de q[ue]

for[am] pais de Aires Barbosa M[estre] dos Cardeais

D. A[fonso] e D. Henriq[ue] f[ilhos] delRei D. Manuel.”⁵

Destes dois tios de Aires Barbosa é bem conhecido o humanista e magistrado doutor Martim Eanes de Figueiredo, que jornadaeu pela Itália por alguns dos mesmos e simultâneos caminhos do sobrinho, a quem este mais tarde dedicou o elogioso Epigrama 44 (vd. *infra*, p. 286), e que, mesmo quando já professor universitário em Lisboa e ouvidor do rei de Portugal, continuou ligado a Esgueira, de cuja Igreja de Santo André se tornou prebendário, e ainda como procurador do tabelião da mesma vila, João Velho, em 12 de junho de 1514, no pedido de renúncia de funções deste perante o rei D. Manuel I, que o fez substituir por Fernão Dias.⁶

O tio-avô de Aires Barbosa, o supramencionado Luís de Figueiredo, irmão de Gonçalo, foi casado na região de Viseu, e dele provieram vários descendentes contemporâneos do nosso humanista e de seus pais e que se fixaram em Aveiro, designadamente Joana de Figueiredo, “q[ue] casou em Aveiro” e Isabel de Figueiredo, que “Casou em Aveiro com Diogo Dias Cordeiro”, bem como as duas filhas desta, Antónia de Figueiredo e Maria de Figueiredo, ambas casadas em Aveiro⁷. Note-se que, ao contrário dos poetas como Aires Barbosa, os genealogistas distinguem bem os locais dos destinatários ou residentes de Aveiro dos da sua vizinha Esgueira.

Enfim, sabendo que foi nesta vila que Barbosa passou os últimos dez anos de vida, que nela deixou seus bens móveis e imóveis e nela faleceu no seio da própria família em 20 de janeiro de 1540, conforme consta do seu testamento e como adiante veremos, tudo leva a crer que também foi aí que ele teve o seu berço.

É isso o que confirmam dois passos registados no Prefácio do seu poema *Antimória*, composto e publicado em 1536, já durante a sua jubilação e definitiva aposentadoria em Esgueira, e nos quais ele recorda o início desse retiro na sua terra natal.

O primeiro evoca as duas exonerações, isto é, a de jubilado pela Universidade de Salamanca em 1523 e a da dispensa de mestre dos irmãos de D. João III em

⁵ Vd. Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. II, Porto, 1943, pp. 351-352.

⁶ Vd. *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Volume XI (1511-1520), Lisboa, JNICT, 1993, pp. 490-49; e Volume XII (1521-1525) Lisboa, JNICT, 1995, pp. 429-430.

⁷ Vd. Cristóvão Alão de Moraes, op. cit, tomo 1, vol. II, p. 342-345.

1530 (o sublinhado é nosso): *Nunc duplici iam donatus rude, cum et schola et aula placidam mihi in patria quietem indulgeant, repeto memoria senex id quod iuuenis animo agitabam* (“Agora que por duas vezes já fui exonerado, e que a escola e o Paço me concedem dilatado remanso na terra natal, recordo na velhice os projetos que em novo acalentava.”). Vd. *infra*, pp. 220-221.

O segundo recorda a sua decisão de escrever a própria Antimória: *Cogitanti ergo mihi in copia tanta rerum, quas auctores uarii perscripserunt, quid nam potissimum in secessu patriae commentandum aggredere, uenit in mentem Antimoriam scribere*. (“Foi assim que, ao recapitular mentalmente a profusão enorme dos assuntos que vários autores têm versado em obras exaustivas, – para escolher o que, no isolamento da minha terra natal, melhor poderia ir comentando –, me ocorreu escrever a *Antimoria*.”). Vd. *infra*, pp. 222-223.

Mas, apesar de Aires Barbosa ser natural da antiga cabeça de comarca da região do Vouga, que era a Esgueira do seu tempo, ele não deixa de ser hoje e em termos modernos o grande humanista “aveirense”.

I - 2. Data de Nascimento

Ao contrário do que acontece com a identificação da terra natal de Aires Barbosa, quanto à fixação da data do seu nascimento não temos notícia documentada. Todavia, dispomos de marcos concretos relacionados com o quadro cronológico da sua biografia, que, associados a várias referências de caráter etário, permitem deduzi-la com relativa aproximação e certeza.

Entre os dados fixos e incontestáveis conta-se, desde logo, a data da morte do humanista, ocorrida em Esgueira em 20 de janeiro de 1540, como regista o seu testamento, publicado por Francisco Ferreira Neves em 1948,⁸ que veio, por um lado, desfazer certas notícias erradas mantidas pela tradição⁹ e, por outro, confirmar aquela data, já descoberta em outros documentos em 1916 por Narciso Alonso Cortés¹⁰ e reconfirmada em 1917 por Enrique Esperabé Arteaga.¹¹

Outro dado cronológico bem definido é o do início da atividade docente de Aires Barbosa na Universidade de Salamanca, que se verificou logo depois do seu regresso da Universidade de Florença, em 28 de junho de 1495, como ele recorda, vinte e dois anos depois, no seguinte passo do opúsculo sobre *Prosódia*

⁸ Vd. “Vida e testamento do humanista Aires Barbosa”, *Arquivo do Distrito de Aveiro* XIV (Aveiro, 1948), 42-64 (cf. *infra*, pp. 57-61, Anexo Epistolar e Documental, III-3).

⁹ Barbosa Machado, op. cit., p. 76, aponta o ano de 1530, talvez por confusão com o ano em que Aires Barbosa se recolhera definitivamente à sua terra natal, onde, afinal, acabou por viver ainda mais dez anos.

¹⁰ Vd. Narciso Alonso Cortés, “Del Maestro Arias Barbosa”, *Boletín de la Real Academia Española*, III, (Madrid, Outubro de 1916), 560-562.

¹¹ Vd. Enrique Esperabé Arteaga, *Historia Pragmática e Interna de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, 1917, Tomo Segundo, pp. 328-329.

publicado em Salamanca em dezembro de 1517 (fol. a iiii), em que o humanista falava das regras de acentuação da língua latina, que certos mestres ignorantes da Universidade de Salamanca pronunciavam mal:

Secundae et uicesimae aestatis circulus uoluitur ex quo ad iiii Kalendas Iulias Salmanticam ueniens, anno uidelicet a genesi liberatoris nostri M.CCCC.XCV non destiti, auctoritate Quintiliani secutus, admonere scholasticos ut basce regulas faciles, omissis aliorum ambagibus, sectarentur. [“Rola o ciclo do vigésimo segundo estio, desde que, ao chegar a Salamanca a quatro das calendas de julho, a saber, do ano de 1495 do nascimento de Nosso Salvador, não deixei de, baseado na autoridade de Quintiliano, advertir os estudantes para que, pondo de parte os rodeios de outros, sigam estas regras simples.”].

No espaço que medeia entre estes dois marcos cronológicos fixos, temos várias referências à idade, juvenil ou avançada, de Aires Barbosa, de forma mais ou menos indefinida. Assim:

1) Em 5 de abril de 1498, Pedro Mártir de Anghiera, humanista e historiador, amigo e admirador de Barbosa, como o demonstram o epigrama que este lhe dedicou e a correspondência trocada entre eles, na qual, a propósito de uma doença que afetara o humanista português – tratava-se da sífilis, segundo o estudo de Rocha Brito¹² –, Anghiera o aconselha a evitar extravagâncias e a não comprometer a saúde, dizendo: *Summo namque semper in discrimine iuuenilis aetas, qua uiges, uersatur* [“Pois a vigorosa idade juvenil, em que te encontras, vive sempre no mais alto risco de perigo”].¹³

2) Em abril de 1516, o próprio Aires Barbosa, por altura da publicação dos seus longos e ricos Comentários ao poema *Historia Apostolica* de Arátor, exprime no prefácio a modéstia da sua competência e a falta de forças para enfrentar essa tarefa, concluindo: *Opto enim maiorem in modum ut aetas mea, quoniam iam ingrauescit, non minus canis quam merito aliquo albesceret* [“Na verdade, o meu maior desejo era que a minha idade, que já se me vai pesando, não embranquecesse mais pelas cãs do que por algum mérito”].¹⁴

3) E em dezembro de 1517, ao publicar o opúsculo da *Prosódia*, volta a falar dos referidos Comentários publicados no ano anterior que o deixaram prostrado de fadiga, como o demonstra – diz o texto latino – a face ainda pálida e o corpo sem forças e a tremer, de tal modo, que a custo se sustém de pé, “necessitando de um cajado, apesar da velhive ainda inicial e vigorosa, como uma parede se

¹² Vd. Alberto da Rocha Brito, “O aveirense Aires Barbosa, o italiano Pedro Mártir e a sífilis”, *Arquivo do Distrito de Aveiro XII* (Aveiro, 1946) 281-296.

¹³ Vd. *Opus Epistolarum Petri Martyris Mediolanensis*, Alcalá de Henares, 1530, (vd. *infra*, pp. 65-68, Anexo Epistolar e Documental, III-7).

¹⁴ Vd. Aires Barbosa, *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis* [...], Salamanca, abril de 1516, fol. a ii.

costuma apoiar num pilar quando ameaça ruir” [*baculo egens licet in prima et uiridi senectute, sicut tibicine ruinosus paries fulciri sotet licet in prima et uiridi senectute*],¹⁵

4) Também na mesma *Prosódia*, ao falar acerca do acento tónico na última sílaba, coisa completamente estranha à língua latina e também muito rara nas dela derivadas, dá como exemplo destas o que escutou na língua italiana, dizendo: *Huc accedit usus doctissimorum nostrae aetatis hominum quos animaduerti adulescentulus in Italia quemadmodum hic percipimus proferentes*. [“Parecido com isto é o uso de homens doutíssimos da nossa época, aos quais eu prestei atenção na Itália, no início da minha adolescência, tal como aqui os escutamos quando eles falam”].¹⁶

5) O mesmo Aires Barbosa, ao tratar dos verbos chamados oblíquos na *Relectio de Verbis Obliquis*, publicado em 13 de junho de 1511, e ao lembrar autores do seu tempo que se ocuparam destas e doutras matérias gramaticais, menciona a figura do humanista Hermolau Bárbaro dizendo: *Hermalaus Barbarus quem ego Florentiae uidi puer* [“Hermolau Bárbaro, que eu, quando moço, vi em Florença”].¹⁷

6) No epigrama composto para registar a sua despedida de Salamanca e da sua Universidade em 1523, Aires Barbosa evoca os primeiros tempos da sua vida naquela cidade, confrontando o vigor juvenil dessa época com a sua idade avançada e senil na hora da partida, como se vê neste extrato (cfr. *infra*, pp. 168-171, Epigrama 63 completo com o texto latino):

À FAMOSA CIDADE DE SALAMANCA

No tempo em que as forças vigoravam sólidas no meu corpo mancebo
 e em que eu possuía o sangue fogo da minha juventude,
 Não me lesavam, Salamanca, nem o gelo dos teus ventos,
 nem a neve ou a geadas, nem o teu aquilão.
 nem me aterrava o Tormes a congelar de frio,
 Que eu a miúde calcava, com desprezo, a pé enxuto.
 Agora o meu sangue regelado reclama que o aqueça
 Uma região temperada, e meus membros a ajuda de um calor estrangeiro.
 [... ..]
 Por isso, Salamanca, minha ama carinhosa que,
 agora jubilado, me deixas partir para onde eu quiser,
 eis que fujo das friúras que não fizeram mal à juventude,
 mas que hão de fazê-lo a um velho de longa idade.

¹⁵ Vd. Aires Barbosa, *Relectio cui titulus Prosodia*, Salamanca, dezembro de 1517, fol. a ii - a ii vº.

¹⁶ Vd. Aires Barbosa, *ibid.*, fol. a v vº.

¹⁷ Vd. Aires Barbosa, *In uerba M. Fabii “Quid quid et reliqua”*. *Relectio de uerbis obliquis*. Salamanca, 13 de junho de 1511, fol. a i vº.

simulationem libertas fuit iucundissima. Nam quid ego de elegantia stiloque dicam? Qui labitur suavissime placidoque simillimus amni.¹³² Sed de hoc alias.

Quereris, mi Sicule, satis amanter, quod non modo nihil litterarum ad te, quem plane meum semper noram, sed ne salutem quidem in tanto temporis interuallo miserim. Aque hic, quod indignius, requiris uel doctrinam uel humanitatem meam. Addis praeterea si per me licuerit, te daturum operam, ut nostra amicitia sicut coepta sit, firma constansque sit adeo, ut etiam posteritatis memoria commendetur.

Mihi uero ista conquestione nihil potuit gratius contingere. Est enim plena humanitatis officii beniuolentiae uiuasque ueri amoris uoces exprimis. Nihil rursus eodem mihi acerbius potuit euenire, cum me ea humanitatis laude, qua paucis aut nemini cedebam, iam tuo iudicio caream, inque suspicionem apud te uenerim, me in nostra amicitia excolenda paulo negligentiore fuisse. Ego, mi Sicule, ut te semper amaui, ita quoque nunc amo, et fortasse uehementius quo mihi tuae uirtutis ac doctrinae gloria iudicio maturiori comprobatur, comprobata reditur amabilior.

Sed urges: "Quid ita igitur nunquam scribis? Nunquam absentem salutas?" Salutauit equidem frequentissime postquam ubi degeres certior factus sum, quamquam hi qui istinc ueniunt, te ita latere ita te tibi uiuere aiunt, ut non minus sis inuentu difficilis, praesertim in tanta aulicorum frequentia, quam fera, quae non a turba uenantium, sed ab uno in montibus inuestigatur. Ergo tu, mi Marinee, ut bonus atque aequus aestimator pro ea humanitate, quam profiteris, in aliena culpa mihi ignoscito; quamquam ne ignoscito quidem, cum tuus semper et animo et factis extiterim; sed tibi persuade me nihil unquam praetermississe, praetermissurumque quod ad nostram amicitiam redintegrandam uel stabiliendam pertineat.

Dicis porro te et honore nostro laetatum esse, et icommodo doluisse. Vtrumque, ut ab optimo animo meique amantissimo complector, atque istius rei nomine me tibi ingentes gratias debere fateor. Nec enim unquam sinceri amoris perfectaeque amicitiae ueritas facilius perspicitur, quam si fortuna refulserit gratulantis animo, uel si eadem immutata sic condolentis.

Nam quod et amice et candide imprudentiam meam cupiditatemque accusas, qui cum omnes Hispaniae uiros doctos Graece Latineque antecadam, in grammaticae professione Spinosam nescio quem competitorem habuerim derelicto honesti spendore in altero, cum me eruditissimis hominibus anteponis, me plane a te irrideri credidissim, nisi agnouissem amoris iudicium, in altero quia nos tuo praeclaro exemplo ad libertatem candoremque inuitas, fateor me tuam prudentiam requirere, atque aciem non oculorum sed mentis tuae perspicacis uehementer desiderare. Vbi est acumen tuum, mi Sicule? Vbi stoica illa grauitas? Vbi uiuax ingenium, ut ista de nobis, ne quid grauius dicam, tam inconsiderate et scriberes et sentires?

¹³² anni *no original*.

Equidem nisi mihi penitus uirtus tua perspecta esset, quamque procul iste tuus sapiens animus ab omni auaritia suspicione degat compertum habuissem, profecto afirmassem ob unam cupiditatem miseram olim te in simile certamen descendisse. Nec dubitassem cum Plauto concinere: “Ex moribus tuis alienos probas”.

Verum nobis, sicut et tibi, ni falor, alia ratio, aliud propositum multumque diuersa uoluntas fuit, quam arbitrare, in illius professionis petitione. Non enim me stipendii maioris accessio tantum mouit, quantum publicae utilitatis gratia inque academiam hanc nostram, quam ego patriae antepono, amor meus incredibilis. Videbam sane iam tunc, quod nunc uideo, ob inscitiam ne dicam barbariem praeceptorum qui primae litteraturae fundamenta sine calce iaciebant, hoc est sine ullo Romanae linguae candore: uix duos tresue Salmanticae inueniri, qui Latine loquerentur, plures qui Hispane quam plurimos qui barbere. Quo circa parricida mihi paene uisus fuissem si huic parenti meae in tali occasione defuissem, praesertim cum mihi res ipsa offerretur tanquam certa indubitataque ab his, quorum consilio ac nutu Academia haec nostra administratur.

Et tu me hic honesto commodum praetulisse ais, cum pietatem hanc meam laudare debuisses. Vbi est sapientia tua, mi Marinee? Num quaeso dormitatur? An uigilat et grauioribus pressa curis alio secessit atque euolauit? Attende enim paulisper cogitationemque in hoc solum siste ad discrimen temporis. Si nullum factum meum iniustum profers quid reprehendis? Si reprehendis quid quaeso affers ob quod me repraehendendum iudices? Nam si professionem illam mihi deberi autumas non prudenter me honesto commodum praeposuisse asseueras.

“At rem incertam inexploratamque petiui”, inquires. Petiui sane sicut et Marcus Cato consulatum uir non bonus et sapiens sed etiam cum laude cumulatus. Nec uero ego illi professioni fortasse nimis idoneus quam consulatui Marcus Cato. Pugnabat homo ille paene diuinus in comitiis sola integritate. Nos quoque ius nostrum commendabamus sola uirtute tecti. Competitores Catonis tribus Romanas machinatione sed praecipue auro corruperunt, at nostri non modo auro et pueros et uiros allexerunt sed etiam, ut ais, castaneis nonnunquam glande. Quid ergo? Non aliquis Catonem petitionis illius titulo accusauit? Nemo profecto sanus. Nec uero me unquam facti paenitebit, sicut nec bonitatis meae si bonus sum paenitet, qui huic parenti meae, quae tot annos me aluit honorificentissime, quod debui praestiti. Nec tamen propterea quod maliuolorum conspiratione repulsam passus sum, ipsam deseram, nisi cum me uita deseruerit.

Iam uero illa de professionis et gymnasii comparatione speciosa magis quam uera argumenta me mouent nihil. Quippe qui illa et tuis canis moribus et senili grauitate prudentiaque indigna prorsus censeam. Non enim a loco professioneue homo doctus, sed ab homine docto locus professione¹³³ honorantur. Quod autem nobis tam diligenter concinneque de uitae tuae progressu scribis, gaudeo plurimum

¹³³ professione *no original*.

gratulatorque tibi, mi Sicule, qui uitam quietam tranquillamque agas et quasi caelestem. Nam cum Politiano meo ludas, tibi si fas est inuideo, qui maioribus allectus studiis uix haec quamquam optima sunt intueor.

Sed iam fortasse pluribus tecum ago, quam uel occupationes meae uel tuae permittunt. Illud ergo in extremo huius epistulae gyro tantum dicam, me ob istam humanitatem, qua me prior prosecutus es scribendo, tibi multum debere. Spero enim ista litterarum reciprocatione futurum, ut amicitia nostra, quae ob locorum interuallum paene intermissa¹³⁴ est, non augeatur, cum ad summum peruenerit, sed quod aequum est et integretur et roboretur.

Vale.

[Tradução]

O PORTUGUÊS AIRES BARBOSA A LÚCIO MARINEO SÍCULO
ENVIA SAUDAÇÕES

Foi com o maior agrado que recebi a tua carta, e assim como foi para mim de um enorme prazer o testemunho nela expresso do teu supremo afeto para comigo, do mesmo modo a sua simplicidade, cândida e sem labéu, e a sua liberdade, aquém de toda a mascarada simulação, foram também para mim causa de um prazer extremo. Na verdade, que direi eu acerca da sua elegância e estilo, que fluem com toda a facilidade à semelhança perfeita de um plácido rio? Mas acerca disso falaremos noutra ocasião.

Queixas-te, meu querido Sículo, com muita amabilidade, pelo facto de, em tamanho espaço de tempo, eu não ter enviado para ti não apenas uma única carta, apesar de sempre te reconhecer como inteiro amigo, mas nem sequer uma saudação. E agora – que coisa mais imprópria? – apelas para o meu saber ou para a minha urbanidade. Além disso acrescentas que, se pela minha parte for possível, trabalharás para que a nossa amizade seja sólida e duradoira, como era no seu começo, de tal modo que também fique conservada na memória da posteridade.

E em boa verdade nada mais grato me poderia acontecer do que essa lamentação, pois que ela é plena do cumprimento da cortesia, e nela exprimes a viva voz do bem-querer de um verdadeiro afeto. Mas, por outro lado, nada mais acerbo do que isso mesmo me poderia acontecer, porquanto, segundo teu juízo já eu estou privado daquele louvor de cortesia em que eu cedía o lugar a poucos ou a ninguém e, diante de ti, cairei na suspeição de ter sido um pouco mais negligente no culto da nossa amizade. Tenho hoje por ti, meu querido Sículo, o mesmo que sempre tive, e porventura com mais fervor; e quanto a glória da tua

¹³⁴ intermista *no original*.

virtude e cultura, ela, depois de comprovada com este juízo mais amadurecido, torna-se mais merecedora da minha dedicação.

Mas poderás replicar: “Sendo assim, então porque nunca me escreves? Porque nunca envias saudações quando estou ausente?” Enviei-te, sim, frequentíssimas saudações depois que me certifiquei do lugar onde vivias, embora aqueles que vêm daí digam que tu vives de tal modo escondido e levas uma vida de tal modo recolhida, que não é menos difícil dar contigo, sobretudo em tamanho bulício de palacianos, do que encontrar uma fera procurada nas montanhas não por uma turba de caçadores, mas apenas por um só. Portanto, meu querido Marineo, tu como bom e justo julgador, por aquela urbanidade que profressas, perdoa-me numa culpa que me é alheia; ou, aliás, nem me perdoes sequer, pois que sempre fui teu, tanto em pensamentos como em actos; mas convence-te de que nunca desprezei nem hei de desprezar aquilo que diz respeito à renovação e consolidação da nossa amizade.

Dizes, além disso, que te sentes não apenas alegre com a nossa honra, mas também condoído com a nossa desgraça. A ambas as coisas eu acolho no meu peito como providas de um óptimo coração e que me ama de verdade, e por esse motivo me confesso devedor de imensa gratidão para contigo. Com efeito, nunca a verdade de um sincero amor e de uma perfeita amizade se distingue mais facilmente do que quando a boa fortuna se mostra refulgente no espírito de quem se congratula, ou quando a mesma, transmutada, assim se mostra a quem apresenta condolências.

Na verdade, quanto ao facto de me acusares, com amizade e franqueza, de ser imprudente e cobiçoso, a mim que, sendo assim superior a todos os varões doutos da Hispânia na área do grego e do latim, teria competido na cátedra de Gramática com um tal Espinosa, esquecendo o esplendor da honestidade, dir-te-ei em primeiro lugar que, ao colocares-me acima dos homens mais eruditos, eu teria acreditado que estavas claramente a zombar de mim, se não percebesse que esse teu juízo é fruto da amizade; em segundo lugar, já que, com teu preclaro exemplo, tu me convidas à liberdade e à franqueza, confesso que me pergunto onde está a tua prudência e que muito deixa a desejar a acuidade, não dos teus olhos, mas da tua mente perspicaz. Onde está, meu querido Sículo, a tua agudeza de espírito? Onde para aquela estoica gravidade? Onde o teu vivaz talento, para assim escreveres e sentires essas coisas a meu respeito com tanta desconsideração, para não dizer coisa mais grave?

Na verdade, se eu não tivesse claro e profundo conhecimento da tua virtude e não tivesse a certeza de como esse teu sapiente espírito vive longe de toda a suspeita de avareza, eu certamente afirmaria que tu, levado apenas por uma miserável cobiça, entraste um dia num concurso semelhante. Nem teria duvidado em cantar com Plauto: “Pelos teus comportamentos justificas os alheios.”¹³⁵

¹³⁵ Cfr. Plauto, *O Persa*, 2, 3, 30, com uma versão algo diferente: *Tuo ex ingenio mores alienos probas*.

Mas o meu propósito, tal como também o teu, se me não engano, foi outro na oposição daquela cátedra, e a minha intenção foi muito diversa daquela que tu julgas. Com efeito, o aumento do estipêndio não me moveu tanto como o motivo da utilidade pública e o meu incrível amor por esta nossa Academia, que eu coloco acima da minha pátria. Eu via já então aquilo que agora vejo, por causa da ignorância, para não dizer da barbárie, dos mestres que lançavam sem cimento os alicerces das primeiras letras, isto é, sem nenhuma pureza da língua romana: em Salamanca mal se podem encontrar dois ou três que falem latim, muitos em espanhol e muitíssimos mais em bárbaro. Por isso eu ter-me-ia parecido quase com um parricida, se tivesse faltado a esta minha mãe em tal ocasião, sobretudo porque ela se me oferecia como coisa certa e fora de dúvida da parte daqueles por cujo conselho e decisão é governada esta nossa Academia.

E tu afirmas aqui que eu preferi o proveito à honestidade, quando deverias louvar esta minha dedicação. Onde está a tua sabedoria, meu caro Marineo? Está acaso adormecida? Ou será que está acordada e, pressionada por preocupações mais graves, se abalou e voou para outro lugar? Presta por um pouco a tua atenção e detém o teu pensamento apenas sobre o ponto, atendendo aos limites de tempo. Se não apresentas nenhum feito meu injusto, porque me repreendes? Se me repreendes, diz-me que razão aduzes pela qual julgas que devo ser repreendido? Com efeito, se afirmas que aquela cátedra me era devida, manifestas imprudência ao asseverar que eu coloquei o interesse acima da honestidade.

“Mas – dirás tu – pretendeste uma coisa incerta e não devidamente analisada”. Pretendi, de facto, tal como pretendeu o consulado Marco Catão¹³⁶, homem não apenas bom e sábio¹³⁷, mas também cumulado de prestígio. E eu não era porventura extremamente idóneo para a cátedra, como Marco Catão para o consulado. Aquele varão quase divino pugnava nos comícios apenas com as armas sua integridade. Também nós fazíamos valer o nosso direito a coberto apenas da virtude. Os competidores de Catão corromperam as tribos romanas com maquinações mas sobretudo com ouro; enquanto os nossos aliciaram garotos e homens não apenas com ouro, mas também, como tu dizes, com castanhas e às vezes com bolotas. “E então? Ninguém acusou Catão pelo processo daquela candidatura?” Ninguém, realmente sensato. E nem eu me arrependerei nunca do que fiz, do mesmo modo que, sendo eu um homem de bem, não me arrependo da minha boa conduta, ao

¹³⁶ Marco Pórcio Catão, o Censor, ou Catão, o Antigo (234-149 a.C.), grande figura de escritor, político e governante romano, foi cônsul em 195 a. C. Sobre as suas qualidades morais e de rigor (que lhe mereceram o cognome de Censorino) e sobre as condições em que ele concorreu à eleição do consulado, vd. Plutarco, *Vidas Paralelas, Catão, o Antigo*, 28-29.

¹³⁷ Evocação da definição de “orador” – *uir bonus et sapiens* – atribuída precisamente a Marco Pórcio Catão (*Ad filium libri ...*).

retribuir o que eu devia a esta minha querida *Mater* que durante tantos anos e com a máxima honorificência me alimentou. Nem pelo facto de eu ter sofrido uma derrota eleitoral, resultante da conspiração de uns certos malévolos, a hei de todavia abandonar, a não ser quando a vida me abandone.

E no que respeita àquela comparação, mais especiosa do que verdadeira, os argumentos nada me demovem, pois a considero totalmente indigna do teu perfil coroado de cãs e da gravidade e prudência de um ancião. Na verdade, não é o lugar ou a profissão que honram o homem sábio, pelo contrário é pelo homem sábio que são honrados o seu lugar ou profissão. E quanto ao que me escreves com tanta diligência e elegância acerca de como vai a tua vida, alegro-me e felicito-te, meu caro Sículo, por leares uma vida calma e tranquila e, por assim dizer, celeste. Se me é lícito, tenho inveja de ti por jogares com o meu querido Policiano, eu que, atraído pelos estudos superiores, não posso dar atenção a tais coisas, por muito boas que sejam.

Mas já estou a gastar contigo porventura mais tempo do que as nossas ocupações, quer minhas quer tuas, permitem. Direi apenas, pois, na meta final desta corrida epistolar, que, por causa dessa cortesia com que tomaste a iniciativa de me presentear escrevendo, é grande a minha dívida para contigo. Tenho esperança, enfim, de que essa reciprocidade epistolar há de fazer com que a nossa amizade, que pela distância dos lugares quase ficou interrompida, possa, não direi aumentar, pois já havia atingido o seu cúmulo, mas renovar-se e fortalecer-se.

Passa bem.

III - 10. Carta de Aires Barbosa a D. Afonso de Fonseca

(António Geraldini, *Carmen Bucolicum*, [Salamanca? 1505?], fol. iv^o- ii)

[Texto]

AD MAGNIFICVM AC REVERENDISSIMVM
COMPOSTELLAE ANTISTITEM D. ALFONSVM FONSECAM
ARII LVSITANI EPISTOLA

Laudatur in ueteribus historiis Titus Romanus imperator, magnifice antistes, quod cunctis mortalibus sed praecipue suis ciuibus non tantum boni principis sollicitudinem, sed unicum parentis affectum praestiterit, adeoque eius magnificentiam singularem aetas illa prisca admirata est, ut non cesset commemorare ac miris laudibus extollere uocem illam omni liberalitate potioem, “Amici, diem perdi”, cum “recordatus quondam super caenam esset, quod nullum beneficium cuiquam toto die contulisset”. Idem cum neminem a se dimitteret uel sine spe uel sine munere, domesticis admonentibus quod plura uel polliceretur uel daret quam praestare posset, respondebat non oportere quemquam a sermone principis tristem discedere.

Multa praeterea huius optimi principis domi militiaeque praeclare gesta nobis obiectat fastosa antiquitas quae ad uiuos tantum nullaque ad mortuos pertinerent commemorat. At enim tu, reuerendissime antistes, et in uiuos et in extinctos mortalique hac luce carentes tuae benignitatis munera effundis. Viuunt quidem tuo munere multa esurientis turbae milia, quibus nisi tu liberaliter subuenisses, in maxima annonae caritate in summa rei frumentariae inopia sua membra (Deus meliora piis, erroremque hostibus illum iniiciat) fame cogente dilaniassent.

Sacrae Scripturae monumentis celebratur Iob tamquam pater pauperum et multarum uiduarum consolator; celebratur Neemias, quod annona et reliquis sumptibus populum leuauerit; eundem uberrimo benignitatis tuae congiario prosecutus.

Denique Christi Optimi Maximi diuinam pietatem admiramur, quod tam ieiunam plebem tamque numerosam in solitudine mirabiliter satiauerit; te uero quo pacto commemorabit posteritas, quem solum mendici parentem, uiduae patronum, uniuersus populus beneficum auctorem habet; postremoque te pastorem mortalem sui imitorem immortalis pastor Iesus cum in aperto, tum uero in occulto frequentius ut ipse fieri amat, clementer respicit.

Taceo ingenium, doctrinam, sapientiam, grauitatem tuam; quae omnia Amplitudini Tuae diuinitus contigisse uidemus. Haec autem nostris hominibus quantum fuerint utilia testatur Hispânia, quae paucorum dierum interuallo flagrantes ubique lites te praeside extinctas uidit. In ea tempestate omnium litium, omnium iurgiorum disceptator et arbiter tua prudentia incredibili tanquam claua Herculea, omnes pestes ab oris nostris abegisti, Hispaniam purgasti, similiter aduersum iracundiam et inuidiam atque libidinem ceteraque humani animi monstra et flagitia dimicans ut magnus ille Hercules qui orbem terrarum uicisse peribetur, uictum pacasse, pacatum optimis legibus sanctissimisque institutionibus ornauisse.

Sed si ego haec tam multa tamque praeclara in uiuos beneficia tua: breui epistola colligi posse existimem, profecto amens sim. Age uero dicamus quid munificentiae in extinctos meditare. Vt cetera omittam, erat in bibliotheca tua et elegans et sapiens Geraldini eruditi hominis poema bucolicon, cuius opus iam profecto cum auctore suo interierat, nisi grammatoliptarum formulis excudendum opus tuo sumptu tradidisset.

Erat hoc dolendum poetam sacrum sacro plectro diuina resonantem et caelestia mysteria rustico sed tamen cultu carmine canentem latere et in tenebris iacere; praesertim cum nostrae Academiae scholasticos melius et utile et elegans et sacrum poema tenere possit, quam uersus inopes rerum nugaeque canorae. Quantum uero hic laudandus tantum mihi obiter reprehendenda Christianorum uatum ingenia uidentur, quod omissa lyrae Daudicae concentu barbyton uel fabulis uel turpi amore diffluentem totis uiribus sectantur, ingeniaque pulcherrima anilibus fabulis accommodant, proh quanto melius caelestibus uacatura.

Ergo Geraldinus tuo munere nunc reuiuiscit, magnifice antistes. Nisi enim tua auctoritate et munificentia in manus hominum uenisset, idem tumultus qui corpus

eius contexerat: nomen pariter operuisset. Nec uero haec propterea dicimus apud te seuerissimum rigidissimumque antistitem ut aliquam gratiam quaeramus his laudibus quas in Amplitudinem Tuam congerimus: quasque aliis notiores esse scio qui in Hispania fuerunt, quam mihi qui non semper fui, sed ut haec legant ceteri Hispaniae praesules, atque ita legant ut non tam laudent quam imittentur. Consentaneum enim est ut ceteris uelut praeclarum exemplar praeleueas qui ceteris et aetate et ingenio et doctrina antecellis.

Valeat tua Amplitudo Reuerendissima.

Salmanticae quarto Kalendas Martias. M. quingentesimo quinto.

[Tradução]

CARTA DO PORTUGUÊS AIRES
AO MAGNÍFICO E REVERENDÍSSIMO D. AFONSO FONSECA,
PRELADO DE COMPOSTELA¹³⁸

Nas histórias antigas, Magnífico Prelado, o imperador romano Tito¹³⁹ é louvado por ter dispensado a todos os mortais em geral, mas principalmente aos seus concidadãos, não apenas uma solicitude de bom príncipe, mas um extraordinário afeto de pai, e a tal ponto aqueles antigos tempos admiraram a sua singular magnificência, que não cessam de comemorar e exaltar com admiráveis louvores aquela voz mais poderosa do que toda a liberalidade – “Amigos, perdi o meu dia” –, quando uma vez, após a ceia, se recordou de que em todo aquele dia não tinha concedido qualquer benefício a ninguém.¹⁴⁰ O mesmo Tito, porque não mandava embora ninguém ou sem esperança ou sem dádiva, advertido pelos domésticos de que prometia ou dava mais do que podia

¹³⁸ Esta carta dedicatória vem publicada à cabeça do *Carmen Bucolicum*, [Salamanca? 1505?], fol. i vº - ii, de António Geraldini, numa reedição, ao que parece, da responsabilidade técnica de Aires Barbosa, mas apoiada pelo arcebispo D. Afonso de Fonseca. De facto, estando a carta datada de 26 de fevereiro de 1505 – “quarto Kalendas Martias M. quingentesimo quinto” –, o seu destinatário teria de ser D. Afonso de Fonseca y Acevedo, então prelado de Santiago de Compostela, que era pai do seu sucessor nesse cargo e seu homónimo, a quem Aires Barbosa também dedicou alguns dos seus epigramas posteriores. Vd. *supra* Epigrama 81, pp. 184-187; e Epigrama 92, pp. 192-193.

¹³⁹ Trata-se de Tito Flávio Vespasiano, imperador romano de 79 a 81 d. C., que, pela sua formação, cultura, temperamento e conduta, foi considerado “o amor e as delícias do género humano” (*amor et deliciae generis humani*): vd. Suetónio, *Vida de Tito*, 1.

¹⁴⁰ O episódio é contado por Suetónio, *Vida de Tito*, 8, que Aires Barbosa recorda usando quase as mesmas palavras, aqui aspidas por nós. A frase “Amigos, perdi o meu dia” (*Amici, diem peridi*) tornou-se proverbial. Sobre ela, vd. Renzo Tosi, *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, (Trad. Ivone Castilho Benedetti), São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 444, nº 947.

oferecer, respondia-lhes dizendo que não era bom que alguém saísse triste da audiência do príncipe.¹⁴¹

Além disso, são muitas as gestas deste óptimo príncipe brilhantemente realizadas na paz e na guerra que a soberba Antiguidade nos mostra e nos recorda que elas respeitariam apenas aos vivos e nada aos mortos. Vós, porém, Reverendíssimo Prelado, derramais as dádivas da vossa benignidade sobre os vivos e sobre os mortos e privados desta luz mortal. Vivem, de facto, muitos milhares de uma multidão faminta da vossa dádiva; e, se não viésseis em seu socorro com vossa generosidade, os seus corpos, dada a máxima carestia de mantimentos e a suprema falta de géneros alimentícios (que Deus lance sobre os piedosos o que é melhor, e atire semelhante fatalidade sobre os inimigos!), com o aperto da fome ter-se-iam dilacerado.

Nos monumentos da Sagrada Escritura é celebrado Job como pai dos pobres e consolador de muitas viúvas;¹⁴² é celebrado Neemias por ter aliviado o povo de sua carestia e demais despesas;¹⁴³ e vós secundaste-lo com a ubérrima distribuição da vossa benignidade.

Enfim, admiramos a divina piedade de Cristo, Supremo Bem e Suprema Grandeza, por ter milagrosamente saciado uma tão faminta e tão numerosa multidão em necessidade;¹⁴⁴ e de que modo a posteridade vos recordará, a vós a quem os mendigos têm como único pai, as viúvas como único patrono, e o povo inteiro como o único e eficaz defensor do seu bem; e, por fim, de que modo Jesus, o pastor imortal, olha com clemência por vós como por um pastor mortal que O imita não só às claras mas com mais frequência às ocultas, como Ele gosta que se faça.

Não falo do vosso talento, ciência, sabedoria, gravidade; qualidades que todas couberam a Vossa Excelência por vontade divina. E quanto elas foram úteis aos nossos homens, atesta-o a Espanha, que no espaço de poucos dias viu extintos, sob a vossa presidência, os litígios que flagravam por todo o lado. Nessa época, como juiz e árbitro de todos os litígios, de todas as contendas, com a vossa incrível prudência, qual clava hercúlea, banistes das nossas regiões todas as pestes, limpastes a Espanha, pugnando de igual modo contra a irascibilidade e a inveja e contra a paixão e os restantes monstros e escândalos da alma humana, como aquele grande Hércules que, segundo dizem, venceu o orbe das terras, pacificou-o depois de vencido e, depois de pacificado, guarneceu-o com as melhores leis e as mais sagradas instituições.

¹⁴¹ Vd. Id., *ibidem*.

¹⁴² Vd. Vulgata, *Job*, 39, 13, *passim*.

¹⁴³ Vd. Id., *Neemias*, 5, 1 sgs.

¹⁴⁴ Vd. Referência à multiplicação dos pães e dos peixes. Vd. Id., *Mateus*, 14, 13 sgs.

Mas louco seja eu, sinceramente, se me passa pela cabeça poder coligir nesta breve carta estes vossos tão numerosos e tão preclaros benefícios para com os vivos. Pois bem, falemos da munificência que tendes em mente para com os extintos. Deixando de parte outras coisas, havia na vossa biblioteca um elegante e sábio poema bucólico de Geraldini, um homem erudito.¹⁴⁵ E esta obra já teria certamente desaparecido com o seu autor, se ele a não tivesse entregue para ser impressa, a expensas vossas, na letra de forma dos tipógrafos.¹⁴⁶

Seria de lamentar que um poeta sacro que faz ressoar coisas divinas com seu sacro plectro e canta mistérios celestes em rústico mas cultivado canto, ficasse escondido e jazendo nas trevas; sobretudo quando um poema útil, elegante e sacro melhor pode encantar os escolares da nossa Academia, do que os versos sem conteúdo e as ninharias canoras. E quanto me parece que este deve ser louvado, tanto me parece que devem ser repreendidos os talentos dos vates cristãos pelo facto de, omitida a harmonia da lira de David, seguem com todas as forças o bárbiton que se espalha em fábulas ou desonesto amor, e consagram, a

¹⁴⁵ Trata-se do humanista italiano António Geraldini, nascido em Amélia em 1448 ou 1449, que se tornou desde jovem um poeta de notável talento. Em 1469-70 acompanhou seu tio Ángel, bispo de Sessa Aurunca, em missão diplomática à Espanha, onde entrou no âmbito da corte dos reis católicos Fernando e Isabel, de cujas mãos recebeu a lãurea poética pela sua vasta produção latina que já então atingia os cerca de 423.000 versos em vários modelos – bucólico, elegíaco, lírico, satírico e épico –, além de quase duas dezenas de textos de oratória e de perto de 240 cartas.

Quanto ao *carmen bucolicum* de que aqui fala Aires Barbosa, parece tratar-se de uma reedição do *Carme bucolicum* que consta de 12 éclogas de conteúdo religioso, e que foi composto em Espanha em janeiro-fevereiro de 1484 e publicado em Roma em 1485. Se assim é, o exemplar existente na biblioteca de arcebispo de Compostela D. Afonso Fonseca seria uma cópia (impressa ou manuscrita) que este prelado mandou reeditar à sua custa; e o resultado dessa reedição talvez corresponda ao livro *Antonii Geraldini... carmen bucolicum editum hortante... donimo Alfonso Regis hispaniarum filio pontificeque caesaraugustano.*, que saiu sem lugar nem data, mas que os especialistas apontam como tendo sido em Salamanca em 1505. É verdade que o tom das palavras de Barbosa sugerem que se trata de um inédito. Isso levaria a concluir que era um manuscrito, mas não necessariamente inédito, e que o nosso humanista não teria tido conhecimento da edição de Roma de 1485.

¹⁴⁶ *Grammatoliptarum*. Neologismo “gramatolipta” de Aires Barbosa formado de dois elementos de origem grega – *Grammato-lipta* – à semelhança de *grammato-pborus* (“o portador de texto escrito, isto é, de cartas, ou carteiro, equivalente ao *tabellarius* latino), de *grammato-phylacium* (“lugar para guardar a documentação escrita do Estado” i. e. “arquivo”), etc. No caso presente, o segundo elemento deverá assentar no verbo ἀλείφω, (“untar”, “besuntar”; cfr. ἄλειφα “óleo”, “gordura”, “graxa”), através da raiz do respetivo substantivo ἀλείπιτης (“o que esfrega com óleo”). Sendo assim (e cremos que é), o “gramatolipta”, neste contexto editorial, é o tipógrafo ou compositor tipográfico, porque besunta com tinta (que contém gordura na sua composição) os tipos preparados para a impressão. Que saibamos, o termo não aparece em latim, mas encontramos um outro composto com o mesmo segundo elemento, *iatralipta*, emprestado do grego (massagista ou todo o médico que cura por meio de unções e fricções). Embora raro, o termo aparece pelo menos em Celso, 1, 1; Plínio-o-Moço, *Ep.* 10, 4, 1; e Petrônio, 28, 3.

- Vates exprimit, eruditiusue?
 Te doctus stupeat legens Catullus
 Dulci pectine nec laborioso,
 Sed claro facilique personantem.
- 15 Est unum tamen, id seueriores
 Iuste dant uitio in tuis libellis:
 Credis uersiculos nisi impudicos,
 Solos, ac nisi pruriant, iuuare.
- Audi, uir sapiens, monet taceri
- 20 Natura et ratio tegenda quae sunt.
 Quis quaeso ingenuus procacitates,
 Obscenas ueneres, sales iocosque
 Scurrae, uel meretricis, aut cinaedi
 Omnes unius aestimauit assis?
- 25 Et pluris fieri tuas putasti,
 Si, tum laude nites peculiari,
 Cum Musas decorat tuas Priapus,
 Nudo per medium forum Priapo
 Ires: non faceres, pudor uetaret.
- 30 Veste ergo potius tegis pudenda,
 Quam lingua misera, leui, procaci.
- Gaude uirgineo pudore uates,
 Cum sis uirginei chori sacerdos.

38

In Cantharum philosophastrum

- Rhetoras et uates rides et denique cunctos
 Musarum spernis qui sacra cumque colunt.
 Vt fugit indoctum uulgus, sic, Canthare, uitas
 Qui laurum mordent, tu quoque grammaticos.
- 5 Arbor odoratae frondis non tangitur a te,
 Qui mordere soles fetida coprophagus.

39

In eundem

- Difficili exhaustus multoque labore uiator,
 Pocula cum e quouis quaereret amne sibi,
 Non exceptata sinceri gurgitis unda,
 Quam primum immundam repperit ille bibit.

Com a garganta cheia de lodo lamacento e mal cheiroso, 5
 água mais pura não teria ali nenhum lugar.
 Porque te ris, Escaravelho? É de ti que fala a minha fábula,
 de ti a quem apenas agrada sorver água do lodo.

40

Contra o mesmo

Apesar de ensinares sabedoria, porque repeles, Escaravelho, os membros
 da sabedoria? Ou porque renegas aquilo que ao teu múnus compete?
 A gramática é parte da sabedoria e é profunda poesia,
 tanto que o vosso Aristóteles ensinou uma e outra; 5
 e, todavia, porque se há de chamar bárbaro ao vosso Aristóteles,
 ao vosso, uma vez que ele até tem semelhança convosco?
 Todo o que bebe a sabedoria através de parcelas e não na inteira
 corrente, esse é um tagarela, esse apenas arma em sábio.²⁰⁰

41

À jovem erudita Inês²⁰¹

A fénix é ave rara, não vista através do nosso orbe.²⁰²
 Tu respondes: “Mais raro do que ela és tu a procurar nossa casa.”
 “Acaso, Aires,” – dizes tu – “te dominou o esquecimento de mim?
 Ou, acaso, eu mereci tornar-me em coisa vil para ti?”
 Porventura eu esquecido de ti, ou que tu, Inês, sejas mais vil 5
 para mim?! Eu não tenho, assim tanto, fibra córnea,²⁰³
 nem foi tigre que me amamentou;²⁰⁴ antes, quem me arrancou
 do úbere e me nutriu com seu leite foi Caliopeia.²⁰⁵
 Nem Titan²⁰⁶ modelou para mim um peito horrendo
 das rochas do Cáucaso, mas do melhor barro.²⁰⁷ 10
 Quando ausente, dominas meu pensamento. Se pudesses
 estar presente, ele havia de contemplar-te a toda a hora.
 Coração de ferro seria aquele a quem a tua idade não vencesse,
 uma idade acumulada de prendas de toda a espécie.
 Juno concedeu-te um rosto grave, e a áurea Vénus²⁰⁸ um vulto alegre; 15
 e o que mais espanta é que Minerva²⁰⁹ é toda tua.
 Por isso, quem não desejaria falar contigo, e fruir
 por mil anos a tua beleza e tua conversação?
 Ainda que eu esteja imerso em cuidados, meu cuidado por ti,
 casta donzela, há de levá-los consigo ao teu refúgio. 20

- 5 Limosi caeni ac fetentis gutture pleno
 Illic nullum habuit purior unda locum.
 Canthare, quid rides? Loquitur mea fabula de te,
 Caenosae tantum cui placet haustus aquae.

40

In eundem

- Cum sophiam doceas, sophiae cur membra repellis,
 Canthare? Curue tuo munere digna negas?
 Grammaticae sophiae pars est atque alta poesis,
 Illam atque hanc docuit uester Aristoteles;
 5 Quamquam cur uester dicatur, barbarus, et cum
 Sit uestri similis uester Aristoteles?
 Quisquis per partes sophiam non flumine toto
 Ebibit, ille loquax, ille docesisophos.

41

Ad Agnetem eruditam uirginem

- Rara auis est phoenix nostrum non uisa per orbem.
 "Rarior hac", inquis, "limina nostra petis.
 Num te", dicis, "Ari, subiere obliuia nostri?
 Aut tibi uilis ego num merui fieri?"
 5 Oblitusne tui, uel tu mihi uilior Agnes
 Vt sis?! Non adeo cornea fibra mihi est.
 Nec me lactauit tigris, sed ab ubere raptum
 Nutriuit succo Calliopea suo.
 Nec mihi Caucaseis pectus de cautibus horrens,
 10 Sed finxit Titan de meliore luto.
 Te tenet absentem mea mens. Visura per horas
 Te cunctas praesens, si licuisset, erat.
 Ferreus ille foret, quem non tua flecteret aetas,
 Aetas omnigenis accumulata bonis.
 15 Iuno grauem tribuit, laetum Venus aurea uultum;
 Quodque magis mirum, tota Minerua tua est.
 Ergo te affari quis non optarit, et annos
 Mille tua forma colloquioque frui?
 Sim licet immersus curis, tua cura mouebit
 20 Has simul in portum casta puella tuum.

42

**A razão por que a latinidade não é bem ensinada
por aqueles que vulgarmente são chamados artistas²¹⁰**

Quando o sagrado leito da sabedoria fluía em corrente pura²¹¹
 e ainda não ia emborrascado em águas lamacentas,
 ligado ao rio Permesse²¹² e banhando o Hélicon, irrigava,
 com suas águas limpas, Aristóteles e a escola socrática.²¹³
 E a mesma parte sábia, a mesma parte facunda²¹⁴ queriam 5
 entrançar seus enfeitados cabelos com as frondes de Febo.²¹⁵
 Mas, depois que o bárbaro profanou a sábia Atenas,
 e o fero Godo os itálicos reinos perverteu,
 Musas e sabedoria seus rios dividiram,
 e um e outro já não correm misturados como dantes. 10
 Na verdade, um é levado por entre asperezas em lamacento remoinho,
 enquanto a corrente do outro pura e doce se mantém.
 “Acaso”, dir-se-á, “entre os muitos varões que a nossa idade exalta
 não há ninguém ilustre que num e noutro navegue em simultâneo?”
 Apoiado no peito socrático e dourado na língua 15
 de Platão, embebido na voz da garganta do Arpinate,²¹⁶
 esse é ave rara na Terra, qual Pico de Mirândula;²¹⁷
 ou o famoso Bárbaro,²¹⁸ da barbárie inimigo;
 ou Ângelo,²¹⁹ pois que, entre aqueles antigos, não cede o seu lugar;
 ou Teixeira,²²⁰ esperança e glória da minha terra. 20
 Mas volto ao ponto donde parti. O sábio ensinava os elementos:
 foi assim que o general de Péla em criança os bebeu.²²¹
 Mas agora o sábio até ensinará melhor os elementos,
 isto é, a falar em sarmático²²² ou em barbárico!

43

Epitáfio de uma ínclita rainha²²³

Estou sepultada neste sarcófago, eu, uma rainha que
 a poderosos venci: mas, a mim, me venceu Libitina.²²⁴

44

**Ao célebre doutor em ambos os Direitos,
Martim de Figueiredo²²⁵**

Comporta o Oceano tantos rios da magna Terra,
 e não fica menor quando tantas águas dele se difundem.²²⁶

42

**Quod Latinitas non bene discitur ab his
qui uulgo artistae uocantur**

Cum flueret sophiae puro sacer alueus amni
 Necdum caenosis turbidus iret aquis,
 Permesso iunctus lustransque Helicona rigabat
 Mundus Aristotelem Socraticamque domum.
 5 Parsque eadem sapiens, eadem facunda, uolebat
 Phoebeia cultas nectere fronde comas.
 Barbarus at postquam doctas uiolauit Athenas,
 Euertitque ferox Itala regna Gothus,
 Diuisere suos Musae et sapientia riuos,
 10 Vtque prius iam non mixtus uterque fluit.
 Namque hic per salebras lutulento gurgite fertur,
 Pura sed illius, dulcis et unda manet.
 “Nemone de multis”, dices, “quos extulit aetas
 Nostra uiros, clarus praestat utrumque simul?”
 15 Pectore Socratico fultus, linguaque Platonis
 Aureus, Arpini gurgitis ore madens,
 Rara auis in terris, qualis Mirandula Picus,
 Barbariae aut hostis Barbarus ille fuit,
 Angelus aut priscis cedens quia non sit in illis,
 20 Aut Tesseira mei spesque decusque soli.
 Sed redeo unde abii. Sapiens elementa docebat:
 Pellaeus ductor sic bibit illa puer.
 At nunc uel melius sapiens elementa docebit,
 Hoc est Sarmatice, barbariceue loqui!

43

Epitaphium inclitae reginae

Condor in hoc ego sarcophago regina, superbos
 Quae uici: uicit me Libitina tamen.

44

**Ad celebrem utriusque iuris doctorem
Martinum Figueretum**

Sugerit Oceanus magnae tot flumina terrae:
 Ex se diffusis nec minor est tot aquis.

E quando eles todos de novo regressam, não podem
 tornar maiores as enseadas de seu pai.
 Porque não hei de comparar-te, meu tio doutor, ao Oceano? 5
 Quanta não é a tua erudição! E quanta a bondade tua!
 Porquanto, se é difundida para muitos, nunca ela decresce,
 e em ti não cresce sempre que vem derramada de volta.
 Em ti resplandece a própria imagem do bem supremo,
 ao qual nada se pode juntar nem subtrair. 10
 E embora os outros dimanem daí, mas em vastas fontes,
 aqui o meu riacho sai com exígua água.
 E embora seja difícil que este, mais árido, encha um módico vaso,
 ele sabe bem reconhecer o seu Oceano, donde ele flui.

45

Ao poeta Lourenço²²⁷

Em teu louro, Febo,²²⁸ bons carmes cantou Lourenço:
 portanto, ele é digno da honra do teu louro.²²⁹

46

Dístico do português Aires Barbosa

Em teu louro, Febo, seus carmes cantou Lourenço:
 portanto, ele é digno da honra de seu nome.²³⁰

47

Outro do mesmo

Bons carmes, Febo, cantou teu cisne Lourenço.²³¹
 Portanto, ele é digno da honra do teu louro.

48

Advertência aos jovens que vão votar

Eis que vemos sábios varões a concorrerem a uma cátedra.
 São sem dúvida célebres e exímios varões.
 Um conhece o direito civil, outro domina a ilustre matemática,
 outro blasona a plenos pulmões o seu saber filosófico.
 Concedemos e concederemos tudo isto e tudo quanto, mais ou menos, 5
 quiserem, se lhes parecer reclamar ainda mais do que isto.
 Digo mais: eles podem simular um cipreste na tabuleta da proa,
 que, depois do naufrágio, a barca o trará, de volta, encharcado.²³²

Rursus et illa sui repentia cuncta parentis
 Reddere maiores non potuere sinus.
 5 Comparem ego Oceano te, doctor auuncule, cur non?
 Quae doctrina tua est! Quae tua uel bonitas!
 Fusa etenim in multos nunquam decrescit, et in te
 Non crescit quoties illa refusa uenit.
 Ipsa boni supremi in te resplendet imago,
 10 Cui nihil apponi diminuiue potest.
 Cumque alii manent, uastis sed fontibus istinc,
 Hic meus exigua riuulus exit aqua.
 Qui licet aridior modicam uix impleat urnam,
 Oceanum unde fluit, scit bene nosse suum.

45

Ad Laurentium poetam

Phoebe, tua in lauro cecinit bona carmina Laurens:
 Est ergo lauri dignus honore tuae.

46

Arii Barbosae Lusitani Disti[chon]

Phoebe, tua in lauro cantauit carmina Laurens:
 Nominis est ergo dignus honore sui.

47

Aliud eiusdem

Phoebe, tuus cygnus cecinit bona carmina Laurens.
 Est ergo lauri dignus honore tuae.

48

Paraenesis ad iuuenes suffragia daturos

Ecce uiros doctos cathedram petiisse uidemus.
 Sunt sane celebres eximique uiri.
 Iura poli hic nouit, claram tenet ille mathesin,
 Hic pleno sophiam personat ore suam.
 5 Haec damus et dabimus, fuerint adposcere uisi
 Si plura his, quicquid plusue minusue uelint.
 Addo quod in tabula possint simulare cupressum,
 Quae fracta madidum naufraga puppe uehat.

Mas, quanto à cátedra? Ela declina os nomes, conjuga
 os verbos e ensina apenas o primeiros elementos; 10
 os primeiros rudimentos e as regras da concordância,
 para que cada frase venha no seu próprio lugar.
 Enfim, ensina apenas os primórdios da língua romana,
 não as causas das cousas, o seu peso, a sua justeza.²³³
 Acaso deve o jovem Hilas²³⁴ ser levado através dos ermos da altiva 15
 Urânia,²³⁵ ou pelos pedregosos caminhos da exímia sabedoria?
 Não: porque aos ânimos infantes convém avançar
 mais brandamente pelas plácidas colinas e amenos vergeis.
 Jovens, deixai aos Césares os seus direitos, e deixai a Deus
 os direitos que a Deus celeste pertencem.²³⁶ 20

49

A um certo discípulo²³⁷

– “Ó cruel progenitor”, me diz meu filho, “por que razão eu, teu filho,
 suporte duros flagelos da tua parte, meu pai?”
 – “Tu chamas flagelos, meu filho, aos cargos confiados ao irmão
 que, por ser o primeiro no tempo, é com justiça o primeiro?
 E é primeiro doutra maneira: a ensinar os primeiros elementos 5
 e a ir e voltar por caminhos fastidiosos
 e a inculcar nos garotos, lendo dez vezes a mesma matéria,
 e a suportar mil fastientas declinações.
 Eu disse ‘suportar mil’: direi mesmo ‘dez vezes cem mil’.
 Seja a sua própria glória o suportar tudo isto. 10
 O que afastou alguns da dureza da cátedra foi este encargo,
 esta insuportável sujeira, esta náusea, esta porcária, este fardo.
 Aos restantes, deu cabo deles uma tão dura moléstia: o duro,
 insano e desgraçado trabalho gramatical.
 Mas o peito de um nosso tem decerto a dureza do diamante, decerto 15
 a dureza do ferro; e couve requentada não é coisa que o mate.²³⁸
 Acresce ainda que o pai deve a este aquilo que outrora Anquises
 ficou devendo a seu filho,²³⁹ e Cipião ao seu.²⁴⁰
 Com efeito, tal como, carregando seu pai na cerviz e aos ombros,
 um, considerado filho de Jove,²⁴¹ e o outro como seu neto,²⁴² 20
 conquistaram eterna glória, assim também este meu filho, quando
 de todo o lado bárbara multidão atacava com armas esta minha cabeça,
 irrompeu intrépido pelo meio da chusma e tirou do meio
 do inimigo o seu pai já quase à beira da morte.
 Por isso, a quem mais merece mais devemos, mas eu gostaria 25
 de vos oferecer, a vós mesmos, também as maiores dádivas.”

- Quid tamen ad cathedram? Declinat nomina, uerba
 10 Coniugat, et solum prima elementa docet.
 Prima rudimenta et regimen, concorditer utque
 In proprium ueniat dictio quaeque locum.
 Denique Romanae tantum primordia linguae,
 Non causas rerum, pondera, iura docet.
 15 Num ducendus Hylas puer est per deuia celsae
 Vraniae, aut salebras eximiae sophiae?
 Non: quia per placides colles et amoena uireta
 Infantes animos mollius ire decet.
 Reddite Caesaribus iuuenes sua iura, Deique
 20 Caelestis quae sunt reddite iura Deo.

49

Ad discipulum quendam

- “O genitor crudelis”, ait mihi filius, “abs te
 Cur natus patior saeua flagella, pater?”
 – “Saeua flagella uocas, fili, data munera fratri,
 Qui prior est quoniam tempore, iure prior?”
 5 Ac prior est aliter, quia prima elementa docere,
 Et fastiditis ire redire uiuis,
 Et decies pueris eadem inculcare legendo,
 Et declinando taedia mille pati.
 ‘Mille pati’ dixi; ‘decies uel milia centum’.
 10 Hoc huius proprium sit tolerare decus.
 Expulit a cathedra dura haec prouincia quosdam,
 Haec sentina grauis, nausea, paedor, onus.
 Occidit reliquos tam dura molestia, durus,
 Improbos, infelix grammaticusque labor.
 15 Pectora sed nostri sunt certe adamantina, certe
 Ferrea, quem crambe nec repetita necat.
 Adde quod huic debet genitor quod debuit olim
 Anchises nato, Scipio quodque suo.
 Sicut enim ceruice ferens umeroque parentem
 20 Filius iste Iouis creditus, ille nepos,
 Aeternum meruere decus, sic undique telis
 Cum nostrum hoc peteret barbara turba caput,
 Hic meus intrepide rumpens media agmina iamiam
 Confectum e medio sustulit hoste patrem.
 25 Quare plus merito debemus plura, sed ipsis
 Vellem etiam uobis maxima dona dare.

Aqui está como eu me desdubro em amor pelos meus filhos, e gostaria de derramar benesses com largueza em cada um. Mas a túnica está mais perto do corpo que o manto;²⁴³ e os Pelasgos²⁴⁴ dizem com acerto: *“E o Joelho está mais perto da perna, do que a barriga”*²⁴⁵ 30

50

A D. Sancho,²⁴⁶ acerca do perjuro Autólico²⁴⁷

Sancho, ó ilustríssima geração dos reis de Espanha,
 que por direito regeis as praças da nossa Universidade,
 ao longo de muitos anos se guarda um respeitoso costume
 que nem o grande Atlas²⁴⁸ ousaria romper:
 diante dos velhos os jovens levantam-se, e quem é mais novo 5
 cede o lugar à honra, para que o velho ocupe o melhor lugar.
 Mas Autólico, um homúnculo, violou esta lei.
 Esse, sem nenhuma vergonha na cara, perjura descaradamente.
 Se os semi-homens rompem assim as leis que em vós têm seu protetor,
 dizei-me por favor: o que farão os homens inteiros? 10

51

A M. Valério Marcial²⁴⁹

Citaste, Marco, uns versitos lascivos de César
 Augusto²⁵⁰ para com eles dar cobertura aos teus.
 Quem era então violento, favorito, ladrão, devasso, assaltante,
 não era Augusto, mas o triúnviro Octávio.²⁵¹
 É que este começou tarde a receber o nome de Augusto, 5
 no tempo em que o amante de Gláfira partiu desta vida.²⁵²
 Tapas coa tua veste as partes pudendas: porque as não tapas também
 coa pele da tua língua? Acaso a língua tem menos pudor que a veste?
 Sempre que uma jovem vê os corpos desnudos das meretrizes,
 põe as mãos sobre seus olhos, aperta-os e tapa-os.²⁵³ 10
 Mais: perante palavras obscenas, a natureza dela contrapõe-lhes
 o rubor da face, desejando apagá-las como coisa depravada.
 E além disso, ela teme a culpa, condenando-se, em seu parecer,
 a si própria e mostrando, com tal indício, que é ré.
 Acresce que a venerável, a dócil razão, dentro de nós, dita e exige 15
 que o encubras, e se isto desvelares serás repreensível.
 Essa centelha veio-te do supremo Tonante;²⁵⁴
 em ti brilha a aura da luz divina.²⁵⁵
 Tu sentes que esta é uma espécie de parcela do Céu Supremo,
 ela que é companheira do gentio, do judeu e do cristão. 20

ARII BARBOSAE LVSITANI

ANTIMORIA

•

ANTIMÓRIA

DE AIRES BARBOSA, LUSITANO

Fixação do texto latino e tradução

WALTER DE MEDEIROS

JORGE COELHO AO SEU AMIGO AIRES BARBOSA
SAÚDA COM VIVO AFETO

Acabo de ler, com avidez e aguilhoadada sofreguidão, o teu poema de elegância rara, consumado rival do estilo lucreciano; e por ele te dou os meus parabéns, bem como à nossa pátria e a toda a gente de bom senso.

É que, ao travares batalha campal contra a Insânia, tu realmente prestaste enorme ajuda e de extrema oportunidade à causa da Sabedoria, a pique de lesão e de derrota. Muito te devem, por isso, os sages todos: em defesa das suas cores te bateste com o supremo vigor de um campeão. E Cristo – Norte que demanda, Alvo que, por assim dizer, a tua *Antimoria* se propõe – te cumulará de graças infinitas: pois, com Suas armas, fé, inspiração, lograste derrotar (êxito assinalado!) esse monstro lerneu,⁵¹⁴ quase invencível, que é a Loucura.

Santo Deus, quanto saber, quanta virtude esplendem nesta obra! Pleiteia a sisudez com a erudição; com a eloquência, a doçura; com a argúcia das sentenças, a elegância do carne; em suma, a excelência de um amor devotado à piedade e à religião. Assim, de facto, era necessário – contra fera de tanta pestilência e fortaleza nas armas do seu partido.

Retire-se, pois, de ora avante, a Loucura por ti desbaratada: nem ouse um finca-pé. Morte a liquide de uma vez para sempre e seja varrida deste mundo (pois, a meu ver, nem digna seria de que a levasses arrastada no triunfo).

E de mim, que posso dizer-te? De mim, que deleitaste com este poema de tão requintado sabor que me julguei, ao cabo, a sorver a doçura sem-par do néctar e a quinta-essência do nepentes?⁵¹⁵ Se antes era tido na conta de avisado, certo a leitura deste poema me haveria de tornar mais avisado; se, ao invés, arrebanhasse na casta dos orates (para que hei de ter vergonha de confessar a generalidade do contágio?), recorreria à poção que ministraste como remédio salutar para tornar em mim um bom pedaço.

Mas tu arvoras-me em censor da tua obra. Porque zombas de mim, homem de tanto saber? Acaso mereço eu o papel de censor de poesia de tanta beleza e perfeição? Começo, por isso, a recear que, à força de excessiva deferência, promovas em mim maior doze de insensatez. Se tal convém ao objetivo da tua obra, rogo que tu, e só tu, o ajuízes...

O teu poema, aliás, está à margem de qualquer censura: por isso, o que mais me cumpre desejar é ter autoridade, porporcional ao merecimento, para exalçar dignamente os dotes soberanos do teu engenho e acreditar o mais possível a excelência da tua doutrina.

Adeus.

GEORGIUS COELIVS ARIO BARVOSAE SVO
S. P. D.

Perlegi auido et iamdudum sitiente animo elegantissimum tuum poema Lucretianae phraseos feliciter aemulum, in quo non minus tibi et patriae quam omnibus recte sentientibus gratulor.

Dum enim aduersus Stultitiam collatis signis dimicas, magnum tu quidem et perquam opportunum auxilium Sapientiae ipsi paene iam affectae et profligatae tulisti. Multum igitur tibi debent Sapientes omnes, pro quorum secta fortissimus athleta decertasti. Gratiam porro cumulatissimam referet Christus, quo dirigitur et quem uelut scopum sibi Antimoria tua proponit, cuius denique armis, fiducia, afflatu Moriam ipsam Lernaem et prope inexpugnabile monstrum felicissime superasti.

Deus bone, quantum eruditionis, quantum probitatis in opere isto relucet! Certat cum rerum scientia grauitas; cum facundia uenustas; cum sententiarum acumine carminis elegantia; postremo, cum his omnibus eximius quidam pietatis atque religionis amor. Sic quidem decebat aduersus taeterrimam, suorumque armis belluam munitissimam.

Facessat igitur in posterum, nec pedem conferre ausit abs te profligata Moria; pereat funditus, tollatur de medio, nec enim hanc dignam censuerim quae uel in triumpho abs te ducatur.

Nam de me quid tibi dicam, quem mirifice hoc carminis genere recreasti, denique ueluti suauius poculum ac nepenthes quiddam mihi uideor hausisse? Quod si antehac prudens habebam, certe poematis huius lectio me prudentiorem reddiderit; sin ego potius stultorum unus (quid enim me pudeat commune fateri contagium?), pharmacum quod propinasti praesens remedium fuerit, ut aliquando resipiscam.

Sed iudicem tu me operis tui facis. Quid, obsecro, illudis mihi, uir doctissime? An ego pulcherrimorum et consumatissimorum carminum iudex esse merear? Itaque uereor ne, dum mihi supra modum tribuis, in eo ipso stultiorem me reddas. Quod utrum operis tui instituto conueniat, plane tu ipse iudices oro.

Carmina quidem tua extra omnem censuram posita sunt, quocirca illud magis optandum mihi est ut ingenii tui dotes dignis ad caelum laudibus euehere, doctrinamque tuam pro merito ualeam commendare.

Vale.

PREFÁCIO
DE AIRES BARBOSA, LUSITANO,
À *ANTIMORIA*,

DIRIGIDO AO ILUSTRÍSSIMO CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA
E INFANTE DE PORTUGAL, DOM AFONSO

Quando, na Academia de Salamanca, vai em quase trinta anos, prestava serviço na milícia literária e, entre os professores das artes liberais, era o único a ensinar ambas as línguas à hispânica juventude – já então, Sagrado Príncipe, sobremaneira desejava, à imitação daquela piedosa viúva louvada no Evangelho, contribuir para o erário do Senhor⁵¹⁶ com uma produção do nosso pobre engenho. Mas, como nem o encargo público do magistério nem o governo da minha vida particular permitissem o desenvolvimento de quaisquer matérias – salvo as que, nessa altura, eram objeto da nossa interpretação –, aguardava, para tanto, aquele justo e dadivoso ócio que a nobre Universidade de Hispânia costuma, ao cabo de vinte anos de profissão, proporcionar a seus mestres, quando bons servidores e já cansados pela idade.

No entanto, mal a aposentação se verificou, eis que, findo um trabalho, logo outro sobreveio e lhe foi acrescentado – de igual responsabilidade, sim, mas que me cumpria executar em menos tempo. Assim, Dom João III, vosso Irmão, ínclito Rei de Portugal, encarregou um mensageiro de me ir buscar a Salamanca, do mesmo passo que, por carta, me exortava a tomar conta da vossa instrução – porquanto, se ainda éreis uma criança, contudo já tínheis assento no Colégio dos Cardeais da Cúria Suprema. Não podia escusar-me ao pai da minha pátria – convencido, para mais, de que nenhuma oferenda poderia ser mais grata aos olhos de Deus do que os ensinamentos que vos ministrasse, a vós, um egrégio adolescente penhor da mais alta esperança e árbitro, em futuro próximo, de inumeráveis crentes.

Deste novo encargo nos desempenhámos em sete anos; e, neste lapso de tempo, aprendestes a eloquência, a retórica e a dialética, de par com as mais elegâncias do humanismo. Tarefa que, a bem dizer – tanta é a pujança e aplicação do vosso engenho – teria plenamente executado no prazo de três anos, se a instabilidade da corte, à força de mudanças, me não impedisse de assentar mais longos arraiais em determinado lugar.

Agora que por duas vezes já fui exonerado, e o magistério e o paço me concedem dilatado remanso na terra natal – retomo, na velhice, os projetos que em novo acalentava. É que, se me parece inadmissível viver sem fazer nada, antes quero converter o ócio apetecido em negócio de alguma utilidade. Também me não sorri, em contrapartida, a prática de desportos, caçadas e outros passatempos impróprios de gente avisada, mas principalmente a observância do primeiro e inescusável dever que impende sobre

ARII BARVOSAE LVSITANI
PRAEFATIO
IN *ANTIMORIAM*,

AD ILLVSTRISSIMVM S. R. ECCLESIAE CARDINALEM
ET PORTVGALIAE INFANTEM D. ALFONSVM

Cum in Salmanticensi academia abhinc triginta fere annos litterariae militiae stipendia facerem et inter professores bonarum artium unus utramque linguam Hispanos iuuenes docerem, iam tum mirum in modum cupiebam, Sacer Princeps, de nostro inopi ingenio aliquid in aerarium Dominicum inferre, ac piam illam uiduam, quae in Euangelio laudatur, imitari. Sed cum nec per publicam docendi sollicitudinem, nec per priuatam domesticam administrandi quicquam liceret commentari, nisi forte in his quae tunc interpretabamur, expectabam iustum illud opulentumque otium, quod nobilis solet Hispaniae Vniuersitas post uicesimum professionis annum suis emeritis doctoribus et iam aeuo defessis suppeditare.

Id uero ubi contigit, ecce huic exacto labori statim nouus accreuit atque annexus est, non minori cura, sed breuiori tempore mihi necessario obeundus. Nam Ioannes III, inclitus rex Lusitaniae, frater tuus, misso Salmanticam ad me accersendum tabellario, per litteras me hortatus est ut te erudirem quamuis puerum tunc, iam tamen Cardinalium summique Senatus Collegio adoptatum. Non potui negare patriae meae parenti, ratus uidelicet nullum munus gratius a me offerri Deo posse, quam si te diuinum adulescentem maximae spei destinatum et post paulo multis imperatorum, instituissem.

Hoc alterum laboris nostri munus septennio absoluimus, in quo et loquendi et orandi et disserendi artem didicisti cum ceteris humanitatis munditiis. Quod profecto opus (qui tuus uigor ingenii uisque est) triennio perfecissem, si in quopiam diutius loco morari per mutationes curiae instabilis licuisset

Nunc duplici iam donatus rude, cum et schola et aula placidam mihi in patria quietem indulgeant, repeto memoria senex id quod iuuenis animo agitabam. Nec enim nihil agere fas esse mihi puto, sed potius optatum otium in aliquod utile negotium conuertere. Nec rursus libitum est mihi ludo, uenationi ceterisque indignis homine docto uoluptatibus incumbere, sed multo magis primum ac uerum hominis sequi officium, et si difficultate rei tantae uictus interdum succumbam, quod tamen tum demum assequutum esse me arbitrabor, cum aut totum hoc aeui quod superest, in laudem Christi Iesu contulero, aut certe cum alterum me, id est proximum, ope aliqua adiuuero.

o homem. Sujeito como estou, pelas dificuldades de matéria tão vultuosa, a alguns desfalecimentos, só hei de considerar atingido o meu objetivo quando tiver consagrado à glória de Jesus Cristo todo este tempo de vida que me resta, ou amparado, ao menos, com algumas achegas, o meu semelhante – que é, como quem diz: o meu próximo.

Foi assim que, ao recapitular mentalmente a profusão enorme dos assuntos que vários autores têm versado em obras exaustivas – para escolher o que, no isolamento da minha terra natal, melhor poderia ir comentando –, me ocorreu escrever a *Antimoria*. A sugestão inicial da obra foi-me dada pelo *Moriae Encomium*, que anda agora em todas as mãos. Inspirei-me, depois – por assim dizer – nos *Anticatones* de César.

Reconheço, Sagrado Príncipe, que esta obra é muito superior às minhas forças e que exigiria não a minha pena, mas a do próprio Erasmo; pois, mesmo assim, decidi correr semelhante risco – por muito que me tachem de inepto ou de temerário em presumir que o trabalho empreendido, em matéria de tanta dificuldade, havia de ser grato a Deus e útil aos homens.

Na verdade, que assunto mais substancial, mais digno, mais proveitoso se pode oferecer à palavra de um homem – para ser versado com todas as flores da eloquência, regadas (digamos assim) pelo caudal inteiro da retórica – que o louvor de Jesus, pela defesa da Sabedoria e pelo combate à Demência, o desterro dos vícios? Há de suar, a meu ver, sob tamanho peso, ranger os dentes, esbaforir-se, quem quer que, sobressaindo embora na eloquência, tomar aos ombros fardo de tal ordem: quanto mais eu que, bem cômico da minha fraqueza, alardeio – pior que o excesso – a presunção!

Por isso se me afigura necessário dizer no prefácio desta *Antimoria* o mesmo que (é mera hipótese) Gaio César teria escrito no preâmbulo dos seus *Anticatones*: assim como ele, ao que parece, se declarava temeroso de perder a contenda, por censurar Marco Catão – que o excelso orador Marco Túlio, com assentimento geral, elogiara – também eu devo rezear que muitos me considerem inepto, senão ridículo, por ir atacar, contra os protestos de tanta gente, a Loucura que, ainda há pouco, varão de alta eloquência sobredourou de lisonjeira fama.

A verdade, porém, é que entre a querela dos antigos e a nossa vai muita diferença. Cícero, na verdade, tomou a causa melhor – para a defender; César, a pior – para a atacar. Cícero, celebrando as virtudes de um grande cidadão, ensina a juventude romana a viver como Catão viveu. César, vendo na apologia do adversário um ultraje da sua pessoa, acusa um homem que foi, naquele século, exemplo único de rara honestidade.

Pois bem: Erasmo (para tornarmos ao nosso ponto) louva a Insânia; nós a repreendemos. A ele, que representa uma peça atraente, embora pior, cobre-o de aplausos o teatro inteiro. A mim, mal começo a ensaiar algo melhor, desertam-me os espetadores. Com fazer o elogio da Loucura – matéria indigna de louvor –, num alarde da sua exuberância de engenho e erudição, granjeou Erasmo a fama plena de orador urbano, atilado e copioso; antes tivesse preferido alcançar, naquela obra, a fama de cristão e de teólogo! Pode o *Moriae encomium*, na verdade, ser lido com extremo prazer pelos eruditos, visto que, para entendidos, evidentemente, aquela graça requintada é inofensiva: porém os mais, que são a grande maioria, não podem lê-lo sem prejuízo.

Cogitanti ergo mihi in copia tanta rerum, quas auctores uarii perscripserunt, quid nam potissimum in secessu patriae commentandum aggrederer, uenit in mentem Antimoriam scribere. Primum facere hanc admonitus sum Moriae Encomio, quod nunc cunctis est in manibus. Deinde ut ita appellarem Anticatones Caesaris me docuerunt.

Hoc opus, Sacer Princeps, tametsi intelligam longe maius esse quam possit meis uiribus sustineri et quod non me, sed Erasmus ipsum deposcat, tamen subieci isti aleae caput, ut uel ineptus uocer uel temerarius, quia putauit in tali materia susceptum laborem et Deo gratum fore et probis utilem.

Quae enim plenior, quae dignior, quae uberior actio homini facundo dari potest, uniuersae eloquentiae uerbis ac uiribus, uelut efusus in eam totius rhetoricae artis fontibus, tractanda, quam ea quae pro Sapientia pugnans Iesum laudet, et insaniam oppugnans a uitiiis absterreat? Sudabit, credo, sub tanto pondere, ringetur, anhelabit quicumque ille sit, quantumuis eloquens, qui huiusmodi onus tantum subierit, nedum ego, qui meae imbecillitatis conscius non tam quidpiam praestitisse me, quam praestare uoluisse prae me fero.

Quocirca idem mihi in hac Antimoriae nostrae praefatione dicendum uidetur, quod etiam C. Caesarem in principio Anticatonom praefatum esse suspicamur. Sicut enim ille fortassis se uereri significabat ne causa caderet, quod M. Catonem uituperaret quem ante a M. Tullio, uiro in causis orandis summo, laudatum omnes approbassent, ita mihi sane metuendum ne multis ipse ineptus, ne dicam ridiculus, uidear qui insecter Moriam, reclamante populo innumerabili, quam paulo ante secunda fama uir disertissimus commendauerit.

Quanquam quidem illorum ueterum de quibus loquor et nostra multum diuersa ratio est. Cicero enim causam suscepit potioem quam defenderet; Caesar deterioem quam oppugnaret. Ille dum optimum ciuem suis honestat uirtutibus, Romanos iuuenes sic docet uiuere ut Cato uixit. Hic dum inimici praeconia sua iudicat esse probra, uirum est criminatus qui fuit illo saeculo unicum rarae probitatis exemplum.

Erasmus autem (ut ad nos redeam) Stultitiam laudat; nos accusamus. Illi, quamuis peioem, tamen fabulam agenti peramoenam, uniuersum plaudit theatrum. Me uix incipientem quid melius dicere spectatores deserent. Ille dum Moriam celebrat rem illaudabilem, uires ingenii simul eruditionisque ostentando, abunde titulum est adeptus oratoris urbani, docti, copiosi. Vtinam et Christiani et theologi in eo opere titulum adipisci maluissent! Quamuis enim Moriae Encomium summa cum delectatione ab eruditis legatur, intelligentibus scilicet leporem illum suauissimum ipsis innoxium, tamen ab iliis, quae turba maxima est, non sine noxa legi potest.

Haec a me dici non inuidia aut maliuolentia, sed Christiana quadam simplicitate, testis est Deus, testis conscientia mea, testis etiam tu es, Sacer Princeps., qui uarios auctores audisti me annis pluribus enarrantem: ubi obtrectandi bonis scriptoribus occasio multiplex saepe occurrit, numquam tamen concupiui de uiris illustribus ac magnis, obscurus ipse ac pumilio, crescere uel innotescere, potiusque

Faço estas observações sem inveja nem malevolência, antes com singeleza cristã: Deus é testemunha do que afirmo; testemunha, a minha consciência; e testemunha igualmente vós, Sagrado Príncipe, que, durante anos a fio, me ouvistes explicar vários autores: repetidas vezes se proporcionou o ensejo de censurar bons escritores, mas nunca pretendi – na minha insignificância de anão – medrar em honra e fama à custa do brilho e da grandeza desses varões; e antes fui propenso a dar injusto louvor do que a negá-lo quando era de justiça.

Mas basta de parêntese: tornemos ao ponto de partida. Espraiou-se Erasmo naquela prosa torrencial em que lhe é grato discorrer; a nós aprouve tomar por modelo ao carme da sensatez: adstritos à métrica, não podemos divagar a bel-prazer.

Não esperamos, em suma, cobrar fama pela nossa *Antimoria* – que não há de colher quaisquer aplausos –, nem estadear capacidades que sentimos serem em nós nulas ou minguadas: somente ambicionávamos agradar a Cristo Ótimo Máximo com esta espécie de homenagem e, no retiro em que vivemos, engenhar, consoante a pobreza da nossa inspiração, uma poesia sem arte, isto é, uns versinhos desataviados que, a par e passo com a viúva pobre, lançaríamos, à maneira de cobre miúdo, no tesouro do Senhor. Lançará Erasmo, se lhe apetecer cantar a palinódia, ou qualquer outro, acaso estimulado pelo nosso exemplo, ouro, prata, pérolas. A nós, que ninguém leve a mal honrarmos o nosso Deus à proporção das nossas forças.

Profano como sou – em nada superior àquele publicano que, reconhecendo a sua miséria, não ousava levantar os olhos ao céu nem aproximar-se do santuário – e indigno de aceder ao templo de Deus, rogo-vos, Príncipe de alta clemência, não desdenheis levar àquele erário, com vossas mãos sagradas e sem mancha, os nossos óbolos. Crescerá em valor a nossa pobre oferenda, se vós, Sacerdote supremo da religião em Portugal, a apresentardes ao bom Jesus, com as submissas palavras: εἰ πλεόν εἶχε, πλεόν ἐδίδου.⁵¹⁷

Adeus.

in eam partem fui propensus ut laudem non merenti tribuerem, quam ut iustam merenti denegarem.

Sed haec hactenus. Illuc unde abii reuertor. Erasmus undanti solutae uocis eloquio qua libitum est illi digredi, excurrit. Nobis placuit prudentium imitari carmen scribentibus: qui pedum numeris astricti, libere diuagari non possumus.

Non igitur famam captamus ex Antimoria nostra, quae nullos plausores habitura sit, non ostentationem ingenii quod esse in nobis sentimus aut nullum aut perexiguum: tantum expetiuius Christo Optimo Maximo officii genere aliquo placere et in hoc secessu tenui auena siluestrem musam, id est, inconditos uersiculos meditari, quos in Domini gazophylacium tanquam aera minuta cum inopi uidua mitteremus. Mittet Erasmus, si palinodiam canere uoluerit, aut aliquis alius nostro exemplo fortassis excitus, aurum, argentum, margaritas. Nobis non dabitur uitio Deum nostrum colere quoquo modo potuimus.

Quoniam uero profanus ego et nihil publicano illo melior qui sese noscitans nec in caelum oculos tollere nec delubrum propius accedere audebat, ergo quia indignus ego sum qui templo Dei appropinquem: te obsecro, Princeps humanissime, ut obolos nostros in sanctius istud aerarium sacris manibus tuis ac purissimis inferre non dedigneris. Addetur nostro pretium munusculo, si a te, qui sacrorum es in Lusitania primarius Antistes, bono Iesu fuerit praesentatum illis uerbis: εἰ πλεόν εἶχε, πλεόν ἐδίδου.

Vale.

ANTIMÓRIA

DE AIRES BARBOSA, LUSITANO

- Prólogo** LOUCURA neste mundo, enquanto reinou Saturno,⁵¹⁸
 eu em parte alguma a julgaria vista. Outra idade este mal
 propaagou: não a primeira – que dizemos áurea –, quando
 em todo o orbe (é voz corrente) vive estirpe de ouro,
 justa por natureza e não pelo temor das penas. 5
 Crimes não havia, e réu algum surgiu,
 naquele tempo, merecedor de cárcere ou patíbulo.
 Honrava cada qual, de moto próprio, a fé e o direito.
 Idade assim, se alguma vez – fábula o diz – foi realidade,
 certo existiu quando, senhora do poder, 10
 a Sapiência regia estados, nações, o mundo inteiro.
 “Honra a Deus (tais eram seus conselhos) com todas as veras da tu'alma.
 Adoração tributa ao Criador; ao Senhor, respeito
 – pois Deus é Princípio e Causa do bem universal,
 que d'Ele emana e n'Ele subsiste. 15
 Cumprido este preceito, ao próximo hás de amar
 como a ti próprio.⁵¹⁹ A outrem farás o bem que para ti cobiças:
 medida certa por igual padrão. Prejuízos não causes
 a ninguém, se a prejuízos queres ser poupado.
 Para que hás de fazer aos mais iniquidades que, feitas a ti, te pesariam?” 20
 Nestes breves preceitos, Sapiência englobou a obra inteira
 e todo o mérito da honra e do saber: – doutrina que, depois lemos por toda
 a parte, na prolixidade dos livros derramada por volumes sem conto.
 A sua insistência em persuadir ao amor da lei divina
 – amor biforme, amor imaculado – deu séculos de ouro 25
 à humanidade antiga. Nem querelas aqui, nem rixas acolá,
 aquela gente alguma vez as viu: ninguém de esbirros reclamava ajuda.
 Cada qual, juiz do seu viver, em segurança sem juiz viveu.
 Agora, porém, se à nossa civilização e tempos alguém
 for comparar os tempos do passado, achará em metais 30
 equivalência da nossa malvadez? Nem de ferro merece nome,
 nem de chumbo, a gente que nesta idade viu a luz.
 Geral degradação – pois Sapiência já não é deste mundo:
 deixando a terra, para o céu abalou, e não partiu sozinha.
 Honra se lhe juntou, e quis levar consigo a austeridade 35
 de sua irmã Justiça.⁵²⁰ A perversão da turba,

- Paulo, S., 110, 133, 234, 254, 265-267, 313, 320, 335-336, 339-341, 343
 Pausânias, 308
 Pedro I, D., 294-295
 Pedro, Frei, 7
 Pedro, o Cruel, 312
 Pedro, S., 110, 214, 266-267, 336, 338-339
 Pegásides, 100
 Péla, 148, 285
 Pelasgos, 238
 Peleu, 266
 Pelida, o, (i. e. Aquiles), 108-109
 Peloponeso, 297, 334
 Peloro, Cabo, 250-250, 339
 Penafiel, 294
 Penates, 31, 83-84, 303
 Península Ibérica, 7, 24, 302, 339
 Peñon, 330
 Pereira, Maria Helena da Rocha, 266
 Pérez Riesco, José, 13, 22, 29, 53, 67-68, 289, 306, 320
 Pérgamo, 166, 172
 Permesse, 100, 149, 284
 Persas, 296-29
 Pérsico, golfo, 29
 Pérsio, 85, 109, 263, 271, 283, 322, 332
 Pfaum, J., 313
 Piccolomini, Eneias Sílvio, 40
 Piéria, 176, 278, 308
 Piérides, 136, 176, 278, 308
 Piero, 308
 Pigmeus, 301
 Pilos, 299
 Píndaro, 259, 301
 Pinho, António de, 60
 Pinho, Sebastião Tavares de, 20, 67, 95, 374, 278, 316, 334, 339-340
 Pinho, Tristão, 61
 Pinto, Gonçalo Vaz, 307
 Píramo, 306
 Pires, André, 60
 Pires, Bastião, 60
 Pires, João, 60
 Pirítoo, 140, 281
 Pirra, 314
 Pitágoras, 120, 242, 338
 Placência, 326
 Platão, 68, 110, 112, 148, 266-268, 273, 278, 291-292, 297, 310-311, 336, 338
 Plauto, 74, 76, 288, 291, 3^o5, 3^o8, 310, 327
 Plínio-o-Moço, 40, 82
 Plínio-o-Velho, 18, 70, 262, 270-272, 275, 277, 286, 291, 293-294, 298, 300, 305, 307, 311
 Plutão, 262, 267, 346
 Plutarco, 77, 305, 309, 336, 339
 Poggio Bracciolini, 291
 Polião, 268
 Policiano, Ângelo, 18, 19, 20, 21, 25, 40, 72, 78, 87, 120, 148, 170, 263, 271, 285, 302, 311, 317, 318, 322
 Polifemo, 138
 Polónia, 286
 Pompeio (imperador), 110, 111
 Pórtico, filosofia do, 67
 Porto, 8, 16, 18, 49, 95, 279, 295, 321, 327, 333
 Portugal, D. Afonso de, 46, 276, 343
 Posídon, 278, 312
 Potília, André, 18
 Preste João, 32
 Príamo, 238, 240, 252, 326, 340
 Priapo, 144-145, 282
 Prisco, 260
 Probo, Marco Valério, 196, 322
 Propércio, 260, 271, 317, 324, 337
 Prosérpina, 262
 Proteu, 182, 312
 Ptolomeu, 262
 Ptolomeus, 260
 Públio Virgílio Marão (cf. Virgílio), 293
 Pudor (personificado), 335
 Punhete, 298
 Puy, Raimundo du, 333
- Q**
 Quintiliano, 10, 21, 34, 128, 260, 263-264, 266, 272-273, 275, 284, 292, 305, 310, 338
 Quios, 102, 262, 263
 Quirites, 130, 275
- R**
 Radamanto, 319
 Ramalho, Américo da Costa, 40, 42, 53, 275, 277, 310, 315, 321, 334
 Rãs, freguesia de, 294
 Ravena, 325
 Razão (personificada), 54, 228, 230
 Reis Católicos, 321, 331
Remnia, Lex, 260
 Remo, 160, 192
 Resende, André de, 7, 23, 30, 32, 38, 53, 95, 288, 293, 301, 321, 333, 334, 339
 Resende, Garcia de, 298, 301, 313
 Ribeiro, Aquilino, 272
 Riccardi, Riccardo, 40
 Rico, Francisco, 25, 297, 311
 Roa, Fernando, 28
 Rodamonte, 267
 Rodes, 51, 212, 260, 333

- Rodrigues, Lourenço, 42
 Rois, António, 60
 Roma, 12-14, 18, 23, 25, 39, 43, 48, 51, 66, 82, 102-130, 142, 164, 172, 196-197, 214, 216, 261-263, 266, 270, 275, 282, 291, 304, 312, 317, 320, 322, 324, 325, 334
 Rombo, Pedro, 40
 Rómulo, 160
 Roquete, Afonso Duarte Martins, 279
 Roterdão, 41, 52, 54, 338
 Rosa, Lucia Gualdo, 40
 Rugeiro, 267
 Rússia, 286
 Rútulos, 317
- S**
- Sabá, 116, 269
 Sabedoria (personificada), 54, 71, 164, 218, 222, 318
 Saber (personificado), 228
 Sabia, Liliana Monti, 40
 Sacro Império Romano-Germânico, 51, 296, 327
 Safo, 259
 Salamanca, 7-12, 14-17, 19, 21-31, 33-38, 41, 45-47, 50, 68, 77-78, 80, 82-83, 85, 88, 90, 92, 94-95, 122, 168, 170, 198, 200, 220, 259-261, 263-265, 272, 276-277, 280, 282-286, 289, 292-293, 295-297, 299, 302-303, 305-310, 312, 314-316, 319, 321-323, 330-331
 Salão, rio, 142, 320
 Salomão, 269
 Salústio, 310, 326, 336
 Samora, 200, 321
 Sanazaro, 40
 Sanches, Pedro, 301
 Sanches, Rodrigo, 321
 Sancho de Castela, D., 289, 322
 Sancho Nunes, D., 294
 Santa Liga de Cognac, 334
 Santarém, 16, 32, 36, 55, 90-91
 São Nicolau de Lisboa, freguesia de, 16
 Sapiência (personificada), 226, 228, 230, 240, 335
 Saque de Roma, 51, 334
 Sara, oásis do, 270
 Saragoça, 95, 275, 278
 Saraiva, António José, 53
 Saraiva, José Hermano, 48
 Sardes, 305
 Sármatas, 334
 Saturno, 68, 110, 226-227, 313, 335
 Saulo de Tarso, 336
 Sauvage, Odette, 298
- Sé de Évora, 18, 49
 Sedúlio, 45, 2264, 271
 Segóvia, 200
 Sem-Razão (personificada), 228
 Senado da Academia de Salamanca, 263
 Senado Romano, 42
 Séneca-o-Antigo, Lúcio Aneu, 281, 298, 308
 Séneca-o-Moço, Lúcio Aneu, 262, 298, 326
 Sereia(s), 110, 236, 336
 Serpa, 298
 Serrão, Joaquim Veríssimo, 17, 315
 Serrão, Joel, 16
 Serrão, Lopo, 278, 281
 Sérvio Sulpício Rufo, 319
 Sérvio Túlio, 13
 Sessa Aurunca, 82
 Sevilha, 37, 277, 307, 321, 326
 Sicília, 261, 277, 339
 Sículo, Cataldo Parísio, 40, 44, 315
 Sículo, Lúcio Flamínio, 24, 41, 46, 89, 277
 Sículo, Lúcio Marineo, 22, 24, 36, 45, 69, 70-72, 75-76, 78, 192, 261, 263, 277, 285, 330
 Sidónio Apolonário, 309
 Sigeu, Diogo, 321
 Siguença, 326
 Sílio Itálico, 290-293
 Sílio Lusitano, 47, 290, 293
 Silva, D. Miguel da, 42-43
 Silva, Manuel de Sousa da, 294
 Siqueu, 266
 Soares, Luís Ribeiro, 296
 Sobre-Ripas, Casa de, 320
 Sócrates, 338, Sófocles, 305, 317
 Sólina, 248
 Solimão II, 51, 333
 Sólon, 29, 158-159, 174, 280, 291, 305, 311
 Sória, 326, 33
 Sorolha, 327
 Sousa, D. António Caetano de, 55, 279, 301, 324
 Sousa, Frei Luís de, 55, 314, 333
 Sousa, Manuel de Faria e, 290
 Sousas, 279
 Stoeffler, J., 313
 Subura, 143, 192-193, 282, 320
 Suburra (vd. Subura), 320
 Suda, 299
 Suetónio, 80, 263, 270, 298
 Sulzer, Johann Georg, 37
 Susa, top., 162-163, 296
 Sweynheym, Conrado, 18
- T**
- Tácito, 40, 262, 326
 Tágina, 325

- Taís, 238-239, 337
 Talia, 137, 168, 196, 239, 271, 300, 323
 Tánais, rio, 110, 111, 267
 Taratala, 138, 280
 Tarentinos, Jogos, 102, 262
 Tarento, 262
 Tarraconense, Hispânia, 275, 278, 282, 320, 338
 Tártaro, 200, 242, 336
 Tavares, José Pereira, 48, 301
 Tavares, Simão, 61
 Tebas, 100, 259, 293
 Teixeira Lobo, Luís, 148, 285, 353
 Teixeira, Álvaro, 285, 353
 Teixeira, João, 285, 353
 Teixeira, Luís, 21, 285, 321, 353
 Teixeira, Tristão, 353
 Tejo, 6, 7, 110, 160, 294
 Témis, 335
 Temístocles, 309
 Teócrito, 260, 268, 311
 Teodósio (imperador), 280
 Teodósio, príncipe D., 194, 276, 265
 Teófilo (aluno de Aires Barbosa), 321
 Terenciano Mauro, 273
 Terêncio Africano (Públio), 54, 309, 325, 337
 Terra Santa, 333
 Tertuliano, 265, 271
 Teseu, 140, 278, 281
 Tespíades, 176
 Téspias, top., 308
 Tessália, 262
 Tétis, 269, 286
 Thompson, D'Arcy Wentworth, 302
 Tiago (familiar de Aires Barbosa), 47, 138
 Tibre, 262
 Tibulo, 275, 276, 325
 Ticino, 288
 Tíndaris (i. e. Helena, filha de Tíndaro), 238, 240, 337
 Tíndaro, 337
 Tírsis, 338
 Tisbe, 306
 Titan (i. e. Prometeu), 147, 283
 Tito Lívio, 292, 310
 Toledo, 200, 314, 321, 325, 326
 Tomás (Doutor Tomás de São Pedro?), 315
 Tomás, São, 276, 296
 Tomos, 286
 Tonante, 104, 126, 154, 155, 158, 230, 290, 293, 335
 Tordesilhas, 326, 328, 330
 Tormes (rio), 11, 17, 19, 21, 170, 259
 Toro, 200, 312
 Torres Novas, 55
 Tosi, Renzo, 80, 302
 Tótila, 198, 325
 Trácia, 278, 293
 Troia, 166, 172, 238, 240-241, 265, 288, 297-299, 309, 335-337, 340
 Troianos, 238, 301, 309, 317, 337
 Tucídides, 297
 Turno, 317
 Turquestão, 316
- U**
- Ubeda, 326
 Ulisses, 108, 214, 265-266, 281, 289, 317, 334, 336
 Universidade de Coimbra, 6, 27, 49, 94, 297
 Universidade de Florença, 9, 19, 21, 285, 323
 Universidade de Lisboa, 18, 286
 Universidade de Lovaina, 322
 Universidade de Salamanca, 8, 10, 14-17, 19, 21, 23-25, 28-29, 31, 34, 47, 50, 52, 89, 95, 220, 259, 261, 286, 289, 297, 299, 303, 315, 322
 Universidade de Valhadolid, 296
 Urânia, 152, 182, 287
 Urbina, Juan de, 202, 329
Ureña, 312
 Urenha, 50, 182, 312
 Urgel, 312
 Utrech, Adriano de, 51, 322, 325, 327, 331
- V**
- Valência, 50, 295, 325, 327, 340
 Valério, André, 37
 Valério Máximo, 262, 291
 Valhadolid, 24, 36, 52, 66, 69, 70, 72, 92, 200, 296, 312, 328, 331
 Valla, Lourenço, 297
 Varela, Simão, 58, 61
 Varo, 196, 324
 Varo, Alfeno, 324
 Varrão, Marco Terêncio, 264, 275, 292
 Varrão Hispano (i. e. António de Nebrija), 104-105
 Vasconcelos, Carolina Michaëlis de, 321
 Vasconcelos, Joaquim de, 37
 Vasconcelos, D. Fernando de, 324
 Vaz, António, 320
 Vaz, Joana /Joanna, 32, 50, 320, 321, 326
 Vaz, João, 320
 Vega, Pedro Lasso de la, 326
 Vejentão, A. Fabrício, 138, 280
 Velasco, D. Iñigo Fernández de, 331-332
 Velasco, Juan de, 289
 Velasco, Pedro Fernández de, 321

- Velho, João, 8
Vénus, 110, 128, 147, 274, 282, 284, 288, 318
Venúsia, 6-7
Venusino, o (i. e. Horácio), 291
Verde, Armando F., 18
Verino, Hugolino, 40
Vespasiano, Tito Flávio, 80
Vespúcio, Américo, 66
Via Láctea, 102
Vicência, 263
Vicente, Gil, 32
Viena, 333
Vila Viçosa, 49, 294, 321
Villa Dei, Alexandre de, 273
Villaescusa, D. Diego Ramírez de, 327
Villalar, 51, 328, 332
Villalobos, Francisco López de, 68
Villiers, João de, 333
Vinet, Elias, 297
Virgem (Maria), 49, 116, 132, 254
Virgílio, 42, 85, 160, 260-261, 267-270, 273, 276, 278-279, 284, 288, 291, 293-296, 301, 304, 306-310, 312, 317, 321-322, 324-327, 331, 333, 335, 337, 338
Viseu, 8, 48, 295, 347
Vístula, 286
Vouga, 7, 9, 303
- Z**
Zagazabo, 32
Zenóbio, 293, 299
Zenódoto, 299
Zeus, 268, 281, 289, 293, 314, 319, 335
Zúquete, Afonso Eduardo Martins, 294-295

ÍNDICE GERAL

	Págs.
INTRODUÇÃO	
I – DADOS BIOGRÁFICOS	5
I-1. Terra natal.....	5
I-2. Data do nascimento	9
I-3. Aluno do Estudo de Florença.....	14
I-4. Aires Barbosa, “El Maestro Griego” de Salamanca	21
I-5. Aires Barbosa e os teólogos de Salamanca	25
I-6. Aires Barbosa e o seu quadro familiar.....	28
I-7. Aires Barbosa jubilado: na corte de D. João III e na terra natal	31
II – A OBRA	33
II-1. Opúsculos Didáticos	33
II-1.1. <i>Releção acerca dos Verbos Oblíquos</i>	33
II-1.2. <i>Releção Intitulada Epometria</i>	34
II-1.3. <i>Releção Intitulada Prosódia e a Releção Intitulada Ortografia</i>	34
II-2. Comentários à <i>Historia Apostolica</i> de Arátor	35
II-3. Epistolografia.....	35
II-4. Obra Poética	39
II-4.1. Epigramas	39
II-4.1.1. Origem e tradição do género epigramático.....	39
II-4.1.2. O epigrama na poesia neolatina portuguesa ao tempo de A. Barbosa	40
II-4.1.3. Aires Barbosa, poeta epigramático.....	44
a) Primícias literárias e epigramas dispersos.....	44
b) Primeira coleção formal de <i>Nonnulla Epigrammata</i> (1517).....	46
c) Os <i>Nonnulla Epigrammata</i> de 1536.....	47
II-4.2. Antimoria	51
III – ANEXO EPISTOLAR E DOCUMENTAL.....	55
III-1. Carta de Aires Barbosa ao conselheiro António Carneiro	55
III-2. Carta régia de concessão da tença anual.....	57

	Págs.
III-3. Testamento de Aires Barbosa e termo de abertura.....	57
III-4. Súplica de exames para graduação em Teologia	61
III-5. Súplica de exames de Teologia fora da Universidade	63
III-6. Súplica de promoção às ordens sacras.....	64
III-7. Carta de Pedro Mártir de Anghiera, a Aires Barbosa.....	65
III-8. Carta de Lúcio Marineo Sículo a Aires Barbosa	69
III-9. Carta de Aires Barbosa a Lúcio Marineo Sículo	72
III-10. Carta de Aires Barbosa a D. Afonso de Fonseca	78
III-11. Carta de Pedro Margalho a Aires Barbosa.....	83
III-12. Carta de Aires Barbosa a Pedro Margalho.....	85
IV – QUADRO CRONOLÓGICO	88
V – BIBLIOGRAFIA	91
 TEXTO E TRADUÇÃO	
EPIGRAMAS.....	99
1. O português Aires a António de Nebrija.....	100
2. O mesmo Aires ao leitor.....	100
3. Aires Barbosa em louvor da obra de Sículo <i>Acerca dos Louvores da Hispânia</i>	102
4. O português Aires ao leitor	102
5. Epigrama de Aires a António	102
6. O português Aires ao leitor	104
7. O português Aires a António de Nebrija. Epigrama em que o exorta a que edite o seu Léxico	104
8. [À assembleia dos jovens estudantes].....	106
9. [Do método da escansão métrica]	106
10. [Da loucura do povo judaico].....	108
11. Carme do português Aires Barbosa ao poema de Arátor	108
12. [À egrégia juventude]	112
13. O português Aires Barbosa a um certo teólogo que afirmava que a obra de Arátor devia ser comentada por um professor não de Humanidades, mas de Teologia.....	118
14. O mesmo Aires contra o Nebulão gramatista, gabarola e fútil.....	120
15. Ao mesmo.....	120
16. O mesmo português Aires Barbosa fala à Academia Salmanticense.....	122
17. O mesmo Aires a um certo indivíduo que dizia que este Comentário era demasiado longo	124
18. [A comida e a bua da criança].....	124
19. [Gramática é saber escrever e falar]	126
20. [Sem Vós nada, meu bom Criador].....	126
21. [As artes são variadas].....	128
22. Acerca de Marcial.....	130
23. A um certo amigo.....	130
24. Ao bispo de Évora.....	132
25. A Santa Luzia.....	132
26. Conformação a Lúcio Flamínio, que antes se chamava Silvestre	134
27. Acerca de Marcial	136
28. Dístico de um certo poeta contra os versos bárbaros de alguns juristas	136
29. O português Aires Barbosa a este poeta	136
30. Acerca das insígnias da família dos Barbosas	138
31. Ao seu familiar Tiago	138
32. Por que razão usa nomes fingidos	138

	Págs.
33. Contra Vejentão e Estilicão.....	138
34. O verdadeiro amor.....	140
35. Contra certos ignorantes cheios de soberba.....	142
36. A certo poeta louvador dos ignaros das Musas.....	142
37. A Marcial.....	142
38. Contra o filosofastro Escaravelho.....	144
39. Contra o mesmo.....	144
40. Contra o mesmo.....	146
41. À jovem erudita Inês.....	146
42. Por que razão a latinidade não é bem ensinada por aqueles que vulgarmente são chamados artistas.....	148
43. Epitáfio de uma ínclita rainha.....	148
44. Ao célebre doutor em ambos os direitos, Martinho de Figueiredo.....	148
45. Ao poeta Lourenço.....	150
46. Dístico do português Aires Barbosa.....	150
47. Outro do mesmo.....	150
48. Advertência aos jovens que vão votar.....	150
49. A um certo discípulo.....	152
50. A D. Sancho, acerca do perjuro Autóptico.....	154
51. A M. Valério Marcial.....	154
52. Contra Frontão.....	156
53. Ao poeta Sílio.....	156
54. Contra Pansa.....	158
55. A Sílio, a quem enviara uns peixes chamados linguados.....	158
56. Ao poeta Sílio Lusitano.....	158
57. Acerca da sua terra natal e de seus pais.....	160
58. Aires, falando com a Fama acerca da chegada do Sereníssimo Rei D. Carlos à Espanha.....	160
59. Outro do mesmo ao mesmo [Carlos V].....	162
60. O português Aires Barbosa fala aos jovens estudantes.....	164
61. Poema do mesmo português Aires Barbosa aos jovens estudantes das boas-artes.....	164
62. Ao cardeal-infante D. Afonso.....	166
63. À famosa cidade de Salamanca.....	168
64. Contra um certo malévolo.....	170
65. Acerca do nome de Jesus.....	170
66. Aos jovens estudantes.....	172
67. Epitáfio da esposa.....	174
68. Contra Issa.....	174
69. A um pudibundo.....	176
70. A Lourenço acerca de Mestre Gonçalo.....	176
71. A um discípulo.....	178
72. Acerca da corte.....	178
73. A querela dos gramáticos.....	178
74. Contra Issa.....	178
75. Contra as leis.....	180
76. Ao jurista Frontão.....	180
77. À vila de Urenha.....	182
78. Contra um descendente de Isac.....	182
79. Ao Cardeal-Infante.....	182
80. Contra os astrólogos. 1524.....	184
81. Ao Arcebispo de Compostela.....	184
82. Contra um discípulo ingrato.....	186
83. A Jorge Miranda.....	186

	Págs.
84. A si mesmo, ao sentir-se desfalecer	186
85. Contra um certo indivíduo.....	188
86. Contra o invejoso Ferrando	188
87. Contra Frontão.....	190
88. Contra o mesmo.....	190
89. Contra um bárbaro.....	190
90. A função do gramático.....	190
91. A Joana Vaz.....	192
92. Ao Arcebispo de Compostela	192
93. Ao Príncipe Teodósio.....	194
94. A D. Sancho de Castela.....	194
95. Ao gramático Probo	194
96. Contra um clérigo, seu hóspede	196
97. Ao cardeal D. Afonso	196
98. Contra Varo.....	196
99. Auto-exortação	196
100. Acerca da democracia de Espanha, quando ainda estava em Salamanca. 1520	198
101. Acerca da mesma.....	200
102. Sentença de um artesão democrático	200
103. Exortação à democracia.....	202
104. Acerca do alcaide do castelo chamado de Alaejos.....	202
105. Acerca do mesmo	204
106. Exortação quando Fonterrabia foi tomada dos Franceses	206
107. Acerca da mesma.....	206
108. Vitória dos nobres em Logronho. 1521.....	208
109. Contra Frontão.....	208
110. Contra um bárbaro invejoso	210
111. Da desgraça dos nossos tempos	212
 ANTIMÓRIA	
1. Carta de Jorge Coelho.....	218
2. Carta-prefácio de Aires Barbosa, dirigida ao cardeal-infante D. Afonso.....	220
3. O poema <i>Antimória</i>	226
 NOTAS E COMENTÁRIOS AO TEXTO.....	 257
 ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	 343